

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

**DESVELANDO OS SENTIDOS DO TRANSTORNO OBSESSIVO COMPULSIVO
A PARTIR DO FILME “O AVIADOR” – A VIDA DE HOWARD HUGHES.**

CÁTIA ALVES RODRIGUES

São Paulo

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

**DESVELANDO OS SENTIDOS DO TRANSTORNO OBSESSIVO COMPULSIVO
A PARTIR DO FILME “O AVIADOR” – A VIDA DE HOWARD HUGHES.**

CÁTIA ALVES RODRIGUES

Trabalho de Conclusão do Curso de
Psicologia da PUC-SP sob orientação
da Prof^a. Dra. Ana Laura Schliemann.

São Paulo

2013

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a Deus, pela força, garra e determinação que me proporcionou, nesses anos todos, para trilhar este caminho cheio de obstáculos que me deparei para chegar a essa formação de psicologia.

Ao meu noivo Maicon, companheiro para todas as horas, sempre ao meu lado, em especial, nos momentos mais difíceis. Companheiro de caminhada, com os quais pude trocar angústias, alegrias, descobertas e realizações.

A minha irmã Suzana e ao meu cunhado Alan, estas que são pessoas boníssimas, que estão sempre dispostas a ajudar, sempre muito presentes em minha vida, desde o início me dando suporte, me auxiliando, ouvindo minhas inquietações, agonias e etc., serei grata para todo sempre.

Aos meus pais, por todo suporte que me deram ao longo desta jornada.

A minha orientadora Ana Laura, pelo apoio, dedicação e empenho em ajudar em todo o processo de orientação deste trabalho.

A minha terapeuta Ana Paula, que me incentivou, onde pude compartilhar minhas angústias, medos e ansiedades e assim amenizá-las, para melhor desempenho na confecção do meu TCC.

Ao professor Marcos Colpo, por ter me orientado na disciplina projeto de pesquisa, no qual dei continuidade ao tema neste TCC e também por ser o meu parecerista. Obrigado por sua participação significativa para minha formação.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que contribuíram indiretamente para que este TCC se concretizasse.

Psicologia

Cátia Alves Rodrigues: Desvelando os sentidos do Transtorno Obsessivo Compulsivo a partir do filme “O Aviador” – A vida de Howard Hughes, 2013.

Orientador: Prof^a Dr^a. Ana Laura Schliemann.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo desvelar os sentidos do Transtorno Obsessivo Compulsivo através do filme O aviador de Martin Scorsese (2004). Para isso, foi realizada a análise de informações, que relacionam as cenas selecionadas do filme com o material bibliográfico. O referencial teórico para esse entendimento foi à abordagem fenomenológica – existencial, mais especificamente a Fenomenologia Hermenêutica de Martin Heidegger (1889-1976) na sua ontologia fundamental, publicada em, Ser e tempo (1927). As análises foram realizadas de forma qualitativa, trabalhando sempre com a vivência do personagem e os sentidos conferidos por ele, quando as cenas permitiam uma articulação entre a hermenêutica e alguns dos temas existenciais evidenciados pelas mesmas. Os temas escolhidos foram a liberdade, o sentido da vida, angústia e a culpa. O filme relata em parte a biografia de Hughes, que era aviador, engenheiro aeronáutico, industrial, produtor de cinema e diretor cinematográfico, tornando-se um dos homens mais ricos de sua época. Ao longo de suas inúmeras atividades foi desenvolvendo-se e intensificando-se o que hoje é conhecido como Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), posto que Howard viveu situações de extrema restrição existencial até o fim de sua vida, que culminaram em seu isolamento social. Buscou-se desvelar a origem e essência do TOC em Howard Hughes, tomando-se como base os sentidos atribuídos por ele às diversas situações demonstradas no filme. Na interpretação das cenas recortadas, buscou-se os possíveis elementos formadores e catalisadores do TOC em seus momentos de crise, bem como dos rituais para a busca da amenização dos sintomas, ações estas desenvolvidas Howard. A partir da análise das cenas e da comparação com o material bibliográfico, foi possível perceber como a doença se instalou em Howard; através de que situações a doença se manifestava; a origem dos rituais e seus significados para Howard. Ao final do trabalho observou-se que há uma estrita relação entre os elementos implantados que se transformaram no TOC com o passar dos anos, entre os elementos que provocam a crise do TOC e os rituais para amenização e alívio da crise.

Palavras chave: TOC. “O Aviador”. Fenomenologia Existencial.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. REFERENCIALTEÓRICO.....	3
2.1. A Fenomenologia Edmund Husserl.....	3
2.2. Fenomenologia em Martin Heidegger.....	7
2.3. O Existencialismo.....	8
2.4. As Psicoterapias Fenomenológico-Existenciais.....	12
3. TRANSTORNO OBSESSIVO COMPULSIVO.....	13
3.1. Conceito.....	13
3.2. Causas.....	14
3.3. Estatística.....	15
3.4. Tratamento.....	16
4. MÉTODO.....	19
4.1. Instrumento.....	21
4.2. Procedimento.....	21
5. RESUMO DO FILME.....	22
6. ANÁLISE.....	25
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

1. INTRODUÇÃO

Esse TCC é um trabalho de pesquisa teórica, que teve por objetivo estudar o Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) a partir do filme 'O aviator' (The Aviator), produzido em 2004 nos EUA e dirigido por Martin Scorsese, na visão da fenomenologia.

Esse filme apresenta parte da biografia de Howard Hughes (1905-1976) aviator, engenheiro aeronáutico, industrial, produtor de cinema e diretor cinematográfico e uma das pessoas mais ricas dos Estados Unidos na sua época. Ele desenvolve uma patologia psíquica importante que é hoje conhecida por Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), que se manifestam em múltiplas ritualizações, alucinações auditivas levando Hughes a um isolamento social radical que culminou com sua morte em 1976.

Esse filme chamou minha atenção justamente por abordar um transtorno que vejo no meu cotidiano, em conversas a respeito em grau menor ao que foi vivido por Hughes, claro que hoje dispomos de meios de diagnósticos mais precoces. Bem como o auxílio medicamentoso e terapêutico para ajudar estas pessoas.

Pretendo a partir desse filme, compreender o TOC segundo as contribuições da fenomenologia existencial, uma abordagem de trabalho psicológica influenciada pelos filósofos: Edmund Husserl (1859-1938) criador da fenomenologia e por Martin Heidegger (1889-1976) elaborador de sua ontologia fundamental publicada em Ser e Tempo (1927). Estes dois filósofos influenciaram muitos outros pensadores no âmbito da filosofia, como também psiquiatras que foram se inspirando nas suas contribuições de modo a permitir novas aproximações compreensivas a respeito da condição sadia e patológica. Cito alguns como: Karl Jaspers; Minkowski, Von Gebsattel que escreveu um importante trabalho denominado 'O mundo dos compulsivos'; Ludwig Binswanger, Medard Boss, entre outros.

A sustentação metodológica deste trabalho foi voltada para a fenomenologia, mais especificamente estamos falando de uma fenomenologia hermenêutica inspirada em Heidegger que procurará desvelar os sentidos (Sinn = rumo, direção do existir) que se apresentam no filme O Aviator. Tais sentidos serão pensados a partir do horizonte

existencial que contempla questões estruturais da existência humana como: a liberdade de poder ser do homem; a angústia, a culpabilidade, a impropriedade entre tantos outros existenciais presentes na ontologia de Martin Heidegger.

Justificativa

Ao entrar em contato com o filme O Aviador, percebi que seria interessante buscar, desvelar os sentidos do Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), vividos por Howard Hughes (1905-1976), representado pelo ator Leonardo Dicaprio. Os rituais vividos por Hughes chamam atenção: lavar as mãos até sangrar, questões da simetria, onde o desalinhamento de determinados objetos o incomodam buscando corrigi-los, o perfeccionismo das suas atividades, alucinações auditivas entre tantos outros comportamentos.

Escolhi este filme também por se tratar de uma história verídica, pois o filme conta parte da história. Hughes que foi aviador, engenheiro aeronáutico, industrial, produtor de cinema e diretor cinematográfico que ao longo de suas inúmeras atividades foi desenvolvendo o transtorno obsessivo compulsivo, vivendo situações de extrema restrição existencial, conforme apresentado no filme e o mesmo não sabia de tal doença, dizendo em certas partes do filme que pensava estar ficando louco.

Sendo assim, ao assistir esse filme pude perceber que muitas pessoas com as quais convivi ou ouvi falar possuíam comportamentos ritualizados, portanto demonstrando grande possibilidade de serem portadoras desta patologia. Nesse trabalho pretendemos compreender esse transtorno a partir de um olhar fenomenológico existencial.

Objetivo

Reconhecer o sentido para Howard Hughes da vivência do Transtorno Obsessivo Compulsivo pela ótica da fenomenologia, através do filme O aviador (2004).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Fenomenologia Edmund Husserl

De acordo com Raffaelli (2004) a Fenomenologia de Husserl constitui-se como uma das maiores contribuições filosóficas para a Psicologia, mais especificamente para as psicoterapias de cunho Fenomenológico-existencial. Ela propõe um paralelismo entre a fenomenologia e a psicologia, pois em essência toda pesquisa psicológica empírica afirma uma verdade fenomenológica.

Husserl propunha que a pesquisa experimental revelaria a essência de maneira velada e à psicologia caberia desvendá-la e compreendê-la, mas ainda assim para tanto, só é possível havendo uma superação dos preconceitos naturalistas que embasam o experimentalismo (RAFFAELLI, 2004).

As influências racionalistas de Descartes predominavam no século XVII, anterior a Husserl, sendo que o mecanicismo a principal característica da época, pois o mundo e o homem eram vistos como simples máquinas formadas por peças com funções independentes e específicas que a partir do bom desempenho de suas funções contribuíam para o todo. Observa-se assim de maneira clara a redefinição das relações sujeito/objeto, seja na área do conhecimento, seja no plano da pura ação. Desta maneira progressivamente, à razão e à ação instrumental substituem a razão contemplativa (FIGUEIREDO, 1991).

Buscava-se, nessa época, a explicação da natureza não a partir do todo, mas sim a partir do desmembramento em partes e a partir da compreensão de cada parte, garantia-se a explicação do todo. A percepção do mundo como um sistema de interconexões e a intersubjetividade das ações humanas não eram reconhecidas. Era de senso comum que a percepção e compreensão do homem e do mundo poderiam ser realizadas de forma simples e objetiva, ou seja, apenas se estudando os atos concretos e isolados, a partir do que era possível observar. Desta atitude se fez a ciência do método científico, baseada absolutamente ao objetivismo. Sendo assim a instrumentalidade do conhecimento transforma-se numa das determinações internas da ciência, em que os procedimentos e técnicas definem-se nos cálculos, testes e termos de controle (FIGUEIREDO, 1991).

Segundo Roehe (2006) dadas às circunstâncias, tem-se a seguinte situação: de um lado o conhecedor que dispõe de um método (este que elimina do procedimento a sua sensibilidade) para atingir o conhecido do outro lado. Em resumo, essa é a forma científico-naturalista de se produzir conhecimento. Com a racionalidade sendo inflada no sujeito, herança esta do dualismo cartesiano, limitando-o em sua existencialidade, seria como se o conhecimento fosse algo distinto do homem, como um ponto isolado, que após despojar-se de sua humanidade/sensibilidade o pesquisador atingiria.

Tal idéia conduziu a diversas pesquisas nas áreas do conhecimento humano, inclusive a Psicologia, que para possuir seu reconhecimento como ciência, teve de submeter-se a essa maneira de pensar. Na primeira metade do século XIX o pensamento mecanicista e o atomismo foram marcantes nas pesquisas humanas. A base segura para se fundar e validar o conhecimento objetivo era a evidência empírica (FIGUEIREDO, 1991).

De acordo com Figueiredo (1991), com o desenvolvimento da ciência e os demais progressos na forma de se perceber o mundo, novas formas de pensamento surgem. Desta forma o mundo passa a ser percebido não apenas pela óptica mecanicista e atômica, mas também por uma óptica funcionalista e organicista, agregando-se até mesmo a influência da teoria da evolução de Darwin.

Franz Brentano, filósofo alemão do século XIX, opondo-se principalmente aos naturalistas, este considerava, independente às pessoas, o objeto natural, real e exterior. Brentano lança suas idéias sobre o estudo do ato e, dessa maneira, traz influência a uma nova fase da ciência. Brentano defende ainda que é na consciência de cada um é que a realidade está, ou seja, na maneira como cada indivíduo vive o mundo, em sua maneira de se ver, sentir, tocar, ouvir e perceber. Fundamenta-se assim na psicologia brentaniana que a experiência se baseia na percepção interior (HOLANDA, 1998).

Deve-se ressaltar que objeto e consciência não são em distinção e efeito duas entidades desagregadas da natureza, e que o fenomenólogo trataria na sequência de relacionar. Objeto e consciência definem-se respectivamente a partir dessa correlação que lhes é, de certo modo e maneira, co-original (ANGERAMI - CAMON, 1993).

De acordo com Figueiredo (2002), nega-se a pura objetividade e a pura subjetividade, pois consciência e objeto são unificados – a mente está sempre em relação a algo. Assim inicia-se o estudo da intencionalidade, ou seja, do ato de dar sentido. É certo que, contudo, nunca se chega ao ultimo sentido, pois jamais se esclarece completamente o conjunto de valores e significados dentro do qual a experiência se constitui.

A Fenomenologia surge propondo um terceiro caminho entre a filosofia especulativa da metafísica e a ciência positivista (DARTIGUES, 1992).

De acordo com Roehe (2006), para Husserl a descrição dos fenômenos como eles são na intencionalidade da consciência, rejeitando, assim, o elementarismo, o naturalismo seria a Fenomenologia, ou seja, da busca pelo fenômeno que constitui-se quando há a interação do objeto com a consciência: subjetividade versus objetividade. Desta forma, o objeto só passa a se constituir como tal quando este é reconhecido e representado na consciência. Sendo assim, na falta desta correlação não haveria objeto nem tão pouco consciência.

De acordo com Moustakas (1994), para Husserl destacando-se a experiência vivida, a fenomenologia era uma forma totalmente inovadora de realizar a filosofia, colocando de lado especulações metafísicas abstratas, mas sim entrando em contato com as “próprias coisas”.

Ainda segundo esse autor (1994), Husserl traz a proposta da “volta às coisas mesmas”, demonstrando interesse pelo puro fenômeno tal como este se torna presente e se apresenta à consciência. Sendo assim o objeto primário da fenomenologia é a análise e descrição do fenômeno que assim se dá à nossa consciência. Nas palavras dele:

“O que aparece na consciência é o fenômeno. Fenômeno significa trazer à luz, colocar sob iluminação, mostrar-se a si mesmo em si mesmo, a totalidade do que se mostra diante de nós [...]” Assim, a máxima da fenomenologia: à volta às próprias coisas. Num sentido amplo, aquilo que aparece provê o ímpeto para a experiência e para a geração de novo conhecimento. Os fenômenos são os blocos básicos da ciência humana e a base para todo o conhecimento. Qualquer

fenômeno representa um ponto de partida desejável para uma investigação. O que é dado em nossa percepção de uma coisa é sua aparência, e esta não é uma ilusão vazia. Serve como o começo essencial de uma ciência que busca determinações válidas que são abertas à verificação de qualquer um” (Moustakas, 1994, p.26).

De acordo com Moreria (2004), o termo fenomenologia oriunda-se de duas outras palavras gregas: **phainomenon** (aquilo que se mostra a partir de si mesmo) e **logos** (ciência ou estudo). Etimologicamente, fenomenologia é o estudo ou a ciência do fenômeno, e em seu sentido mais amplo, fenômeno, entende-se por tudo o que surge/aparece, sendo assim aquilo que se manifesta ou se revela por si mesmo.

Ao que tudo indica a palavra “fenomenologia”, foi utilizada pela primeira vez pelo matemático, físico, astrônomo e filósofo suíço, Johann Heinrich Lambert (1728 - 1777). Posteriormente, já com sentido diferente, por G.W.F. Hegel, em sua Fenomenologia do Espírito (1807). A Fenomenologia surge no início do século XX com a obra Investigações Lógicas, de Husserl. Tal livro foi publicado em dois volumes, em 1900 e 1901.

De acordo com Moreira (2004), a ciência fenomenológica, possui como propósito a descrição de fenômenos particulares, ou a aparência das coisas, como experiência vivida. É o foco central da investigação fenomenológica é a experiência vivida do mundo da vida de todo dia.

O mundo da vida é o nosso mundo cotidiano, aquele em que agimos, projetamos, entre outros, o da ciência, é este no qual somos felizes ou infelizes (DARTIGUES, 1992).

Destacam-se como os principais conceitos desenvolvidos por Husserl, a: redução, a essência e intencionalidade (ZILLES, 2002).

Segundo Giles (1975), Husserl, assim como Brentano, tem como consideração a intencionalidade do ato. Porém, em dissonância com o seu tutor, Husserl percebe o termo intencionalidade dando-lhe outro sentido o qual permitiria investigar o retorno às coisas mesmas, ou seja, ao fenômeno. Para Husserl o fenômeno é puramente aquilo que se apresenta ao olhar intelectual, e a fenomenologia se demonstra como um

estudo puramente descritivo dos fatos vivenciais do pensamento e do conhecimento advindos dessa observação.

Para Husserl perceber uma coisa é tocá-la, vê-la, ouvi-la, cheirá-la, enfim, senti-la das mais diversas maneiras e de acordo com as possibilidades dos sentidos. Não se deve compreender o mundo apenas como o imposto à consciência, mas sim, deve-se fazê-lo através de uma análise intencional, visando-se a essência do fenômeno, abstraída das crenças, opiniões, valores ou preconceitos que possam vir a influenciá-la (BICUDO, 2000).

De acordo com Giles (1975) a fenomenologia jamais se orienta para fatos, sejam eles internos, externos, mas sim, para a realidade da consciência, para os objetos enquanto intencionados por e na consciência, isto é, para as essências ideais.

Segundo Moreira (2004), a redução fenomenológica ou transcendental é também denominada de epoqué, palavra que significa, na filosofia grega, “suspensão do julgamento”. Tal palavra epoqué era utilizada pelos chamados filósofos cépticos, que viam o problema do conhecimento como insolúvel. Eles acreditavam, então, que em casos de controvérsia, deveríamos utilizar uma atitude de não envolvimento para ter paz de espírito no cotidiano. Husserl utiliza a palavra sem utilizar seu sentido primitivo. Já a palavra “transcendental” possui sua origem no latim transcendere, que significa literalmente “ir além” ou “ultrapassar”.

2.2 Fenomenologia em Martin Heidegger

Martin Heidegger, nascido na Alemanha, era discípulo de Husserl, filósofo contemporâneo cuja produção apresenta crescimento após sua morte, ele morreu deixando uma grande quantidade de inéditos que começaram a ser editados a partir de 1978, gerando assim uma terceira fase de seus pensamentos (NUNES, 2002).

Em *Ser e Tempo* (1927), obra inacabada de M. Heidegger, o problema central à questão do sentido do ser, uma vez que este nunca havia sido tematizado dentro da tradição filosófica, de acordo com o autor, que sempre esteve voltada para o ente enquanto ente. Ente é tudo de que falamos, tudo que entendemos, é também o que e como nós mesmos somos. É por meio desta aproximação ao sentido do ser que se

estabelece a possibilidade de compreensão das estruturas constitutivas mais fundamentais dos entes de uma forma geral (NUNES, 2002; BRUNS e TRINDADE, 2001).

Heidegger interpretou novamente o método da fenomenologia de Husserl, buscando o sentido das coisas, em íntima relação com a hermenêutica, pois para ele, existir é interpretar. De certo que o recurso hermenêutico faz-se necessário para o aparecer e o desvelar do fenômeno (NUNES, 2002; BRUNS e TRINDADE, 2001).

2.3 O Existencialismo

Segundo Merleau-Ponty (1999), com o surgimento da Fenomenologia Existencial, o homem passa a ser visto na realidade de sua existência, com todas as suas crenças e valores, e o que influencia a consciência é mundo que o cerca e este está em constante mudança, deixando de ser algo que existe por si só. Sendo assim, já não é a consciência do homem que constitui o mundo, mas é o homem e o mundo, numa dialética, que constituem um ao outro. Desta forma, já não é possível afirmar quem age sobre quem, se é o homem sobre o mundo ou vice-versa.

Penha (1982), diz que, Existência, na origem, é sinônimo de exhibir-se, mostrar-se, o movimento para fora. Então, toda filosofia que trata diretamente da existência humana denomina-se existencialismo.

Segundo Olson (1970), os principais pensadores existencialistas são Soren Kierkegaard (Dinamarquês, 1813 - 1855), Friedrich Nietzsche (Alemão, 1844-1900), Martin Heidegger (Alemão, 1889-1976) e Jean Paul Sartre (Francês, 1905 -1980).

Este projeto possui como foco a compreensão do TOC pela ótica do personagem Howard Hughes através da linha fenomenológica, sendo assim não foi consonante com a finalidade deste projeto abordar profundamente os fundamentos filosóficos das linhas existenciais em Psicopatologia.

Ainda assim, enquanto assistíamos ao filme, durante as sete vezes em que isso ocorreu, denotou-se a necessidade de se relacionar alguns temas existenciais, sempre que a cena permitia ou exigia, juntamente com a interpretação fenomenológica, para que este comportamento destacado no filme ou em certa cena ganhasse um sentido ainda maior, tendo em vista o quanto esta cena me fazia recordar ou evocava

significados para a melhor compreensão de determinado fenômeno comportamental por hora selecionado para a interpretação fenomenológica.

Sendo assim, dentre os temas existenciais abordados em sala de aula e também durante a pesquisa para a construção deste trabalho, destacou-se, sob a minha ótica, pois faziam grande sentido e conexão após as sete releituras do filme, os quatro temas existenciais que explanarei nas linhas a seguir, sendo eles:

A. Liberdade

A palavra liberdade é usada no linguajar popular para definir situações onde as pessoas decidem determinados objetivos, e, ao contrário, não é livre quando não tem condições para tal. Se uma pessoa, por exemplo, decide mudar de residência, ela será livre para alcançar esse objetivo de acordo com suas condições pessoais que incluem desde realidade econômica até questões mais subjetivas. Entretanto, se condições adversas prejudicarem essa mudança, então essa pessoa não será considerada livre para realizar seu projeto inicial (ANGERAMI - CAMON, 1993, p.5).

De acordo com Sartre (1970), o homem em seu próprio ser é liberdade. Pode-se assim afirmar que a consciência e a liberdade se circunscrevem reciprocamente. A essência é precedida e comandada pela existência, e todo o esforço em demarcar a liberdade torna-se contraditório, pois a própria liberdade se explica como base de todas as essências. Tal essência não é uma propriedade ou uma tendência que pode ser acrescida à natureza humana, mas sim, trata-se do “estofo”, aquilo que recobre e conforta o ser. Por ser o homem livre, escapa ao seu próprio ser, desta forma faz-se sempre outra coisa do que aquilo que se pode dele dizer.

“Estou condenado a existir para sempre além de minha essência, além de móveis e dos motivos de meu ato: estou condenado a ser livre. A única necessidade que a liberdade conhece está aqui: o homem não é livre para deixar de ser livre. O homem é um ser que, livre, decide a própria vida. O homem arca com a responsabilidade de sua escolha. E escolher sua própria vertente significa lutar pela própria dignidade” (SARTRE, 1981, p.6).

De acordo com o Sartre (1981), o homem é livre por necessidade e isto a própria história do ser demonstra. Sartre tem como valor absoluto a idéia de liberdade.

Segundo Sartre (1970), dentre as qualidades que o homem possui a liberdade não é simplesmente mais uma que se acrescenta a elas, mas sim a liberdade é aquilo que precisamente estrutura o homem, isto porque é uma designação única da própria qualidade de ser consciente, de se poder negar, de transcender/superar.

B. Culpa

Assim como a solidão e angústia, a culpa é outro tema trazido à luz das discussões pelos existencialistas como sendo ontológico, ou seja, pertencente ao ser como tal, não constituindo, portanto, um sintoma específico. A culpa se faz presente quando enfrentamos outros homens sem respeito à sua condição humana; quando coisificamos nosso semelhante aniquilando suas possibilidades existenciais. A culpa ainda é presente quando dimensionamos nossa responsabilidade social (ANGERAMI - CAMON, 1984, p.41).

Segundo Boss (1977), quando o homem questiona a realização de suas possibilidades existenciais é aí que a culpa se apresenta, quando renuncia à liberdade humana. A culpa também se faz presente quando dimensionamos nossa responsabilidade social.

Ainda segundo Boss (1977), o ser humano se apresenta como sendo aquele ser do qual o nosso mundo precisa, como o âmbito de clareza necessário para poder aparecer, para poder ser. Justamente é este deixar-se-necessitar, e nada mais, que o ser humano deve aquilo que é e que há de ser. É por isso que todos os sentimentos de culpa baseiam-se neste ficar-a-dever, é a culpabilidade existencial do ser humano.

C. Angústia

A angústia dentro dos valores existencialistas é seguramente um dos mais apaixonantes. Ao contrário das reflexões anteriores e que legavam à angústia a condição de patologia, o pensamento existencialista a coloca como um dos

determinantes que nos traz presente a condição humana, e nos direciona à nossa categoria de seres livres e únicos. E dentre os vários pontos discutidos pelos existencialistas a angústia é aquele que irá aparecer na maioria dos escritos dessa corrente. Para os existencialistas a angústia não é um sentimento negativo e sim uma experiência valiosa que emerge quando tomamos consciência da nossa condição humana. A angústia, ao contrário, é um sentimento que nos amedronta diante do “nada” existencial (ANGERAMI - CAMON, 1993).

A angústia é mais do que algo transitório e esporádico, é a totalidade da existência humana. Assim, a angustia é deslocada daquelas situações onde uma mãe vê seu filho ameaçado por uma doença, ou a possível iminência de uma guerra, para situações que nos remetem a condição humana como tal, em seu nível mais profundo de sofrimento existencial. A angústia assim seria o objeto primário de sofrimento da própria existência, ou ainda a particularidade ou individualidade da condição humana. (ANGERAMI – CAMON, 1993).

D. Sentido da Vida

Dentre os temas existenciais, o sentido da vida seguramente é um dos que mais provocam discussões quando de seu questionamento. A questão do sentido da vida é uma temática que mais converte para a dimensão do pensamento existencialista em suas nuances e convergências (ANGERAMI - CAMON, 1993).

Izar Xausa refletindo sobre a obra de Viktor E. Frankl coloca que o sentido da vida é um problema caracteristicamente humano e uma indagação que todo homem faz a si mesmo. Para assumir um compromisso com a vida é preciso descobrir- lhe o sentido. O sentido assume, portanto, uma importância vital. Daí a ênfase dada por Victor E. Frankl a esta necessidade que todo o homem possui em responder a esta pergunta do sentido. Em sua própria existência Frankl inquiriu, mais explicitamente, sobre o sentido da vida quando de posse apenas da sua existência desnuda como prisioneiro 119.104 viveu a trágica situação limite do campo de concentração (Xausa, 1986, p.23).

A vida enquanto existência única e isolada não tem sentido. O homem existe a partir de suas realizações, não existindo pela sua

própria vida isolado do contexto de suas realizações (ANGERAMI, 1984, p.22).

E se a vida não tem sentido, ou usando a definição existencialista, “a existência é absurda”, tal consciência nos leva a busca de realizações significativas visando dar sentido e cor à essa existência. A consciência de que a vida é um emaranhado de sofrimentos existenciais que fazem com que assumamos a dimensão da nossa responsabilidade enquanto seres livres e responsáveis pela construção dos próprios ideais da vida (ANGERAMI, 1984, p.22).

2.4 As Psicoterapias Fenomenológico-Existenciais

De acordo com Matson (1975), a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), a Gestalt-terapia e a Logoterapia são as principais e mais conhecidas abordagens terapêuticas dentro da perspectiva fenomenológico-existencial. Tais psicoterapias não possuem um corpo teórico único, sendo assim apresentando divergências de acordo com sua escola de pensamento, ou seja, umas mais humanistas e outras mais existenciais, porém todas possuem em comum o respeito pela pessoa humana.

De acordo com Corey (1986), tais psicoterapias possuem a perspectiva do homem como um ser consciente, afetivo, autônomo e repleto de emoções próprias, sonhos, sentimentos, crises, anseios e desejos. Senso assim, na relação terapêutica, percebe-se o cliente como uma pessoa com plena capacidade para expandir sua consciência e decidir, por si mesmo, o futuro caminho a trilhar em sua vida.

Segundo Lima (2005), é possível perceber, a importante contribuição de Heidegger sobre o seu conceito a respeito da noção do homem como ser em processo, este que compreende a si mesmo como ser-no-mundo e ser-com, no ato singular e concreto de sua existência compartilhada com os outros.

Ao se compreender uma pessoa de maneira perceptiva, ela entra em contato mais próximo com uma variedade maior de suas vivências. Com isso se proporciona um referencial mais abrangente ao qual recorrer para compreender a si mesma e nortear seu comportamento. O desbloquear de um fluxo de vivências e a permissão de se seguir seu curso natural se faz quando o terapeuta utiliza de empatia adequada e profunda (ROGERS, 1977).

3. O TRANSTORNO OBSESSIVO COMPULSIVO

3.1 Conceito

Transtorno Obsessivo Compulsivo, segundo CORDIOLI (2004):

É um transtorno mental, bastante comum, classificado pela Associação Psiquiátrica Americana, como um transtorno de ansiedade, caracterizado pela presença de obsessões e ou compulsões severas, para ocupar boa parte do tempo do paciente na execução de rituais obsessivos ou compulsivos, causando desconforto e comprometendo seu desempenho profissional e seus relacionamentos pessoais.

Os sintomas mais presentes no TOC são as obsessões, sendo as mais comuns as de limpeza e contaminação (por sujeira e doenças), verificação, escrupulosidade (moralidade), religiosas e sexuais (ALBINA ET AL, 2001).

Desta maneira, as obsessões são idéias, pensamentos, impulsos ou imagens persistentes, experimentadas como intrusivas, inadequadas, desagradáveis, reconhecidas como produtos da própria mente que o paciente tenta ignorar, neutralizar com algum outro pensamento ou ação (APA, 1994).

Outro sintoma frequente são as compulsões do tipo: limpeza e lavagem, verificação, contagem, ordenação e arranjo, rezar e colecionar. As compulsões podem diminuir os sentimentos desagradáveis decorrentes das obsessões, como ansiedade, nojo ou desconforto (ALBINA ET AL, 2001).

Sendo assim, as compulsões são comportamentos ou atos mentais repetitivos que o indivíduo é levado a executar com o objetivo de prevenir ou reduzir a ansiedade ou o sofrimento, geralmente em resposta a uma obsessão ou de acordo com regras que devem ser seguidas rigidamente. (APA, 1994).

O TOC pode manifestar-se sob várias formas clínicas, sendo mais frequente a ocorrência simultânea de obsessões e compulsões, embora existam pacientes só obsessivos e, mais raramente, só compulsivos (TORRES, 2001).

Entre os sintomas mais comuns, são citadas as obsessões de contaminação e agressão e as compulsões de limpeza e verificação, que têm se mostrado como sintomas universais do TOC, independentemente de diferenças geográficas, históricas, étnicas, culturais e econômicas (DEL- PORTO, 2001).

O peso insuportável da culpa (sujeira moral) é essencial, junto com a dúvida, as fobias e a sombra da morte. Segundo descreve, haveria dois subgrupos principais: pacientes mais voltados para um passado de culpa, que temem principalmente a responsabilidade, e outros mais preocupados com o futuro ameaçador, predominando a sensação de fragilidade (mais temores de contaminação e da morte). Enquanto estes se sentem ameaçados, aqueles se consideram uma ameaça para os outros (LIMA, 1994).

O TOC apresenta uma fenomenologia rica e diversificada, com infinitas possibilidades de apresentação, o que pode dificultar sua identificação. Envolve sempre medos descabidos, dúvidas insolúveis e comportamentos repetidos na busca de um alívio sempre fugaz. O grau de crítica pode variar entre os pacientes e no mesmo indivíduo conforme a ocasião. Implica, em geral, grande sofrimento e costuma ser subdiagnosticado e subtratado. Por fim, vale ressaltar que mesmo quando as apresentações clínicas são semelhantes, cada paciente reage ao problema conforme o contexto sociofamiliar e suas características de personalidade, aspectos que devem ser sempre considerados no manejo de cada caso particular (TORRES, 1995).

3.2 Causas

O TOC é uma doença heterogênea, de origem multifatorial, não havendo uma causa única e comprovada que explique sua etiologia. Na sua origem, são considerados aspectos genéticos, neuro-imunológicos, neuroquímicos, neuro-anatômicos e neuropsicológicos, os quais, em separado ou em conjunto, poderiam explicar as diferentes manifestações clínicas e as respostas distintas aos tratamentos empregados. Nesse sentido, os estudos atuais encaminham-se para a identificação de subgrupos homogêneos de pacientes com TOC, o que pode contribuir para o estabelecimento de esquemas terapêuticos mais específicos e eficazes (SHAVITT ET AL, 1997).

Esses subgrupos estão delimitados pela presença de determinadas características, como presença ou não de tiques, idade de início dos sintomas, presença de febre reumática e capacidade crítica do paciente com relação aos seus sintomas (HOUNIE ET AL, 2001; SHAVITT ET AL, 1997).

3.3 Estatística

No Brasil, DEL PORTO (1994) avaliou 105 pacientes e encontrou principalmente obsessões de agressividade (52%), contaminação (44%) e somáticas (40%), compulsões de limpeza (57%) e verificação (56%).

O transtorno obsessivo-compulsivo é considerado o quarto diagnóstico psiquiátrico mais frequente na população (KARNO, 1991).

De acordo com os dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), até o ano 2020 o Transtorno Obsessivo-Compulsivo estará entre as dez causas mais importante de comprometimento por doença (MURRAY, 1996).

No que se refere ao transtorno obsessivo – compulsivo (TOC), este tende a ser um quadro secreto, em função da habitual preservação da crítica e consequente vergonha do portador em relação aos sintomas. (SAMUELS, 1997; SIMONDS, 2003). Alguns sequer sabem que se trata de uma condição médica tratável e muitos procuram ocultar os sintomas mesmo de familiares próximos (NESTADT 1994).

O medo de contaminação ou de outros estímulos obsessivos pode também estar por trás da evitação de serviços de saúde (HENDERSON, 1988).

Estudos clínicos mostram que os portadores demoram em média de 6 a 17 anos até procurarem e obterem tratamento adequado para seu problema (SAMUELS, 1997; MAYEROVITCH, 2003).

Até o início da década de 80, o TOC era considerado um quadro extremamente raro, de acordo com Del Porto (2001), mas tal noção advinha de casos que procuravam tratamento. Há uma prevalência de 0,05%, ou seja, apenas

aproximadamente cinco casos para cada 10.000 habitantes ao longo da vida e esta estimativa predominaram durante décadas (GRABE ET AL, 2000).

No Brasil, foi feito um estudo Multicêntrico de Morbidade Psiquiátrica, que encontrou uma prevalência do TOC na vida de 0,9% de homens e 0,5% de mulheres de Brasília. Em uma parte da cidade de São Paulo, uma pesquisa estimou em 0,3% a prevalência do TOC ao longo da vida da população, sendo 0,4% entre homens e 0,3% entre mulheres. De forma geral calcula-se que uma em cada quarenta pessoas da população mundial vivenciará uma desordem obsessiva compulsiva pelo menos uma vez na vida, Ainda assim, poucos estudos foram desenvolvidos com a finalidade de identificar claramente o curso e o prognóstico desse distúrbio (TORRES e LIMA, 2005).

3.4 Tratamento

Existem várias respostas terapêuticas aos tratamentos usuais. Atualmente, 60 a 70% dos pacientes respondem à farmacoterapia com inibidores da recaptção de serotonina, enquanto 60% a 80% melhoram com a terapia comportamental. Assim sendo, cerca de 40% dos pacientes com TOC não responde satisfatoriamente a medidas terapêuticas adequadas.

Diferentes abordagens de tratamento são propostas para os casos resistentes. Entre elas estão à associação de medicamentos e as neurocirurgias, que se constituem uma alternativa terapêutica quando todas as abordagens convencionais se mostram ineficazes (LOPES ET AL, 2004).

O tratamento de eleição para o transtorno obsessivo compulsivo é a terapia cognitivo – comportamental (TCC), os medicamentos só proporcionam uma redução parcial dos sintomas, o que também pode ajudar à eficácia do tratamento (ELLISON, 1996).

A terapia tem o objetivo de ajudar o doente a tolerar a ansiedade sentida quando os comportamentos rituais não são realizados. À medida que os rituais vão deixando de ser realizados, as obsessões vão desaparecendo. Uma boa parte da terapia consiste em reforçar o lado “racional”, em contraposição com a irracionalidade das “obsessões”. O indivíduo vai tendo uma idéia cada vez mais clara que não é ele

que deseja executar os rituais, mas é o TOC que leva a tal comportamento (ELLISON, 1996).

A terapia cognitivo – comportamental centra-se naquilo que acredita que o pensamento obsessivo significa e no comportamento de resposta ao pensamento (a evitação, a compulsão, os atos neutralizantes ou tentativas de controle). À medida que compreende que o pensamento pode não significar aquilo que pensa, a resposta emocional torna-se menos intensa e diminui a vontade de evitamento ou de realizar uma compulsão (SIMPSON ET AL, 2004).

Define-se como *resistência ao tratamento* a ausência de resposta aos tratamentos de primeira linha recomendados para o TOC, que são os inibidores de recaptação de serotonina (IRS) e a terapia comportamental (TC) (RAUCH ET AL, 1993).

O primeiro passo para constatar a resistência ao tratamento é uma avaliação cuidadosa do paciente para a revisão do diagnóstico principal 2. Confirmado o diagnóstico de TOC, passa-se a uma análise dos tratamentos já realizados: quais medicamentos foram usados, qual a dose máxima atingida para cada um, os motivos para não haver atingido as doses máximas (efeitos colaterais *versus* fatores limitantes ao aumento da dose que poderiam ter sido contornados), a duração de cada tratamento e os resultados obtidos em cada etapa. É importante também avaliar possíveis fatores familiares e ambientais que possam afetar negativamente a adesão ou os resultados terapêuticos que, em geral, exigem abordagem psicoterápica. Por último, investiga-se a presença concomitante de outros transtornos psiquiátricos e clínicos que possam interferir na resposta ao tratamento e exigir uma terapêutica diferente daquela recomendada para o TOC isoladamente (RAUCH ET AL, 1993).

A intervenção neurocirúrgica no TOC é indicada para pacientes adultos com quadro de duração superior a cinco anos – situação que causa sofrimento intenso ou prejuízo importante no funcionamento psicossocial –, para os quais todas as opções terapêuticas disponíveis utilizadas não tiveram efeito na redução dos sintomas ou tiveram de ser descontinuadas por efeitos adversos intoleráveis (JENIKE ET AL, 1998).

Entretanto, a simples presença de compulsões e de obsessões não é suficiente para estabelecer um diagnóstico, sendo necessário que os sintomas estejam presentes

na maioria dos dias por no mínimo, duas semanas consecutivas e sejam uma fonte de angústia ou de interferência nas atividades. Além disso, os sintomas devem ser reconhecidos como próprios do indivíduo (OMS, 1993). Nesse sentido, vale lembrar que outros transtornos, como depressão e esquizofrenia, podem cursar com sintomas obsessivos e que podem ser manifestações normais em certas fases da vida, como infância, gravidez e puerpério (TORRES e SMARIA, 2001).

Pelo olhar da fenomenologia não existe um tratamento específico para o TOC, mas sim, existirá um olhar específico para cada indivíduo, ou seja, como é que isso ocorre, de que forma ocorre e como é a relação do indivíduo para com o TOC.

4. MÉTODO

De acordo com o dicionário da Língua Portuguesa, entende-se por método, o procedimento, a técnica, plano; processo organizado, lógico e sistemático de pesquisa, instrução, investigação, apresentação, etc. (HOUAISS, 2009).

Cabe ressaltar que método para a abordagem fenomenológica existencial, não se realiza a partir de procedimentos engessados, rígidos e definidos antecipadamente. A palavra método do grego 'metha + odos', significa 'após o caminho', ou melhor, um caminho que se faz ao caminhar. Nesse sentido o horizonte metódico da fenomenologia de Husserl contempla uma atitude do investigador que procura a partir de duas reduções (fenomenológica e eidética) acessar o vivido (*Erlebnis*) àquilo que é dado à consciência. Vale lembrar que para Husserl e para Brentano a consciência é compreendida como intencionalidade, ou seja, não há consciência sem o objeto, sem a coisa. Consciência é sempre consciência de algo, uma visada, um olhar, nesse sentido a fenomenologia de Husserl procura acessar os atos intencionais da consciência: idéias; fantasias; imaginação; emoções; percepções; delírios; alucinações.

O estudo não foi uma pesquisa de campo, realizado de forma direta, em contato com o sujeito, mas sim através da revisão de literatura disponível em livros, artigos, teses, dissertações, monografias, entre outros referentes ao assunto além de procurar desvelar os sentidos dos sintomas vividos por Howard Hughes com o intuito de nos aproximarmos do Transtorno Obsessivo Compulsivo do personagem.

Para isso, usei a "Fenomenologia – O termo significa estudos dos fenômenos, daquilo que surge à consciência, daquilo que é dado. Trata-se de explorar esse dado, a própria coisa que se percebe, na qual se pensa, da qual se fala, evitando forjar hipóteses, tanto sobre a relação que liga o fenômeno com o ser do qual ele é fenômeno, como sobre a relação que o liga ao EU para quem ele é fenômeno" (LYOTARD, 1967, p.9).

O método fenomenológico com Heidegger ganha novas perspectivas com a publicação de sua ontologia fundamental em *Ser e Tempo* (1927). Nessa ontologia o projeto filosófico do pensador é buscar desvelar os 'sentidos do ser' para o ser-aí (*Dasein*). Para que tal projeto aconteça Heidegger explicita seu horizonte metodológico no parágrafo sétimo desta obra, dedicado a explicitação do método fenomenológico de

investigação. Neste parágrafo Heidegger observa que a palavra fenomenologia contempla dois termos fenômeno + logos e seu caminho é procurar explicitar estes dois termos e a reunião deles para elucidar sua compreensão do método.

A palavra fenômeno nos remete a aquilo que se mostra, tal como se mostra por si mesmo (os entes) e a palavra logos diferentemente da sua compreensão metafísica como lógica, razão, definição, relação é compreendida a partir do grego antigo como discurso (fala). Problematicando esses dois termos o pensador observa que aquilo que se mostra tal como se mostra por si mesmo também revela seus modos privativos de se mostrar: parecer, aparência e mera aparência. Assim sendo o fenômeno não é fácil de se dar o caráter privativo do parecer ser como aquilo que é enganoso, a aparência como aquilo que anuncia, mas não mostra o fenômeno na sua totalidade, revela que o que está em jogo para a fenomenologia é o ser dos entes e não o ente¹ enquanto tal. (CRITELLI, 1996).

“Em sentido fenomenológico, fenômeno é somente o que constitui o ser, e ser é sempre ser de um ente. Por isso, ao se visar a uma liberação do ser, deve-se preliminarmente, aduzir de modo devido o próprio ente” (HEIDEGGER, 2009, p.77).

Essas indicações de Heidegger mostram que o objeto da fenomenologia enquanto método é o acesso ao ser dos entes e o ser deve ser compreendido no horizonte do seu sentido (projeto). Quando nos referimos ao ser dos entes estamos nos referindo ao horizonte de compreensão e de disposição afetiva que abre ao ser-ai o entendimento das coisas: a mesa é bonita, a pintura é ousada. Ser não é uma propriedade do ente, não é uma essência como também não é uma definição, ser é o horizonte de possibilidade que se abre para o ser-aí. Ao se desvelar o ser do ente como ousadia no exemplo citado na pintura cabe ao investigador acessar o seu

1 - Ente é tudo que é, que tem manifestação: uma mesa, uma árvore, nos mesmos somos entes, como são entes nossos pensamentos, idéias, imaginação, delírios, alucinações. Podemos também nos referir aos entes divinos – Deus.

sentido, ou seja, o que levou o ser - ai dizer que esta pintura é ousada. A pergunta seria – o que há de ousado nesta pintura. Se a resposta for a titulo de exemplo, a combinação das cores incomuns, o traçado despojado livre, descomprometido o sentido da ousadia revela-se nesta compreensão. Cabe ressaltar que a fenomenologia hermenêutica de Heidegger visa explicitar o sentido do ser, esse caminho o levará a refletir sobre diversos existenciais: compreensão; disposição afetiva, a impropriedade, a angústia, culpabilidade; cura; temporalidade; espacialidade; corporeidade; historicidade.

O que se distorce (enganoso) o que se anuncia (aparência) o que se vela é o sentido do ser. É a respeito do sentido das coisas que nós podemos nos enganar.

Baseado neste método nosso trabalho será buscar desvelar os sentidos que alicerçam os sintomas obsessivos compulsivos do personagem Hughes do filme O Aviador.

4.1 Instrumento

O estudo analisou as cenas do filme O Aviador e correlacionou com o material bibliográfico pesquisado. Título Original: The Aviator; lançamento: 2004 (EUA); direção: Martin Scorsese; atores: Leonardo Dicaprio, Kate Beckinsale, John C. Reilly, Alec Baldwin, Alan Alda; duração:168 min.; gênero:drama. Site Oficial – www.aviatormovie.com

4.2 Procedimento

Para alcançar o objetivo do meu estudo, o filme foi assistido sete vezes, para que eu pudesse entrar em contato/compreender melhor a personalidade de Howard Hughes e buscar os sentidos que foram retratados no filme e correlacionar tais sentidos aos referenciais teóricos acerca do tema TOC. Dessa forma busquei entrar em contato com a dimensão dos sentidos existências liberdade, culpa, angustia e sentido da vida, pois para mim estes temas trouxeram grande conexão e significado ao se rever o filme, bem como o mundo e as significações do Transtorno Obsessivo Compulsivo a partir do personagem Howard Hughes.

5. RESUMO DO FILME

O *Aviador* relata a vida de uma das figuras mais marcantes da América do Século XX, Howard Hughes, o excêntrico multimilionário da América dos anos 30. A sua paixão por aviões, cinema e por mulheres marcou um período na história americana.

O filme retrata a sua vida desde os finais dos anos 20 até os anos 40, uma época em que Hughes era produtor em Hollywood, desenhava e criava aviões e relacionava-se com algumas das mais belas e elegantes mulheres da sua época, entre as quais duas lendas de Hollywood, a elegante Katharine Hepburn (Cate Blanchett) e Ava Gardner (Kate Beckinsale).

O filme retrata longos e complicados anos da vida de um homem de maneira correta, sem deixar a passagem de tempo revelar-se à história. O autor se concentra, a cada cena de seu filme, em mostrar a complexidade da personalidade de Howard.

Howard Hughes até sua morte viveu encerrado como um eremita entre as Bahamas e um cassino de Las Vegas. Virou uma aberração com unhas longuíssimas, barba e cabelos desgrehados, reduzido a pele e osso e picado de agulha por todos os lados, resultado da dependência por medicamentos, contraída ao testar um de seus aviões que caiu em plena Beverly Hills e teve 80% do corpo queimado. Pouco antes de morrer, foi visto por um de seus empregados que espreitou através de uma cortina entreaberta: ele estava sentado numa cadeira olhando para o infinito, cena essa fielmente retratada no filme. Nu, com apenas um guardanapo estendido sobre o colo, era quase pele e osso, com os cabelos compridos brancos e sujos, que chegavam ao meio das costas. Sua barba também branca lhe cobria o peito. As unhas dos pés e das mãos eram longas e curvas, com talvez de 10 a 12 centímetros de comprimento.

Hughes tinha medo de tomar banho e não permitia que as janelas fossem abertas, resultando num cheiro insuportável no quarto. De vez em quando abria uma válvula de oxigênio engarrafado que se espalhava pelo ambiente. Terminou seus dias em completa reclusão, com fobia de micróbios e sem se deixar fotografar por muitos anos.

Um visionário que pagou com a sanidade por ter desafiado convenções e mirado mais longe no futuro que qualquer outro. Sua fortuna foi avaliada em dois bilhões e meio de dólares. Hughes faleceu em 5 de abril de 1976, aos 70 anos. Vítima de parada cardíaca, ocorrida num avião que o transportava de Acapulco até Houston, para tratamento médico.

Entretanto Hughes, também tinha ao mesmo tempo, as suas próprias incapacidades e fobias, representadas pelas suas crescentes extravagâncias e o obsessivo comportamento que irão levá-lo ao afastamento e ao seu próprio isolamento.

O filme conta uma complexa história partindo do momento em que se tornou um audacioso piloto, o mais famoso desde Charles Lindberg (1902 – 1974), Hughes tornou-se comandante da aviação comercial. Transformou-se numa figura mítica da América dos seus dias, envolto numa aura de agitação, encanto e mistério, tudo isso após a milionária herança herdada dos pais. Fascinado por aviões, ainda na era muda do cinema, filmou um épico que impressiona pelo realismo mesmo nos dias atuais, chamado *Hell's Angels*. Depois das intermináveis filmagens finalmente se encerrarem. Howard decidiu regravar o filme apenas para incluir o som, novidade no cinema com primeiro filme falado na história. O perfeccionismo e planejamento eram tantos que ele chegava a deixar uma equipe monstruosa parada apenas por não ter 26 câmeras para filmar uma sequência, e sim 24. Ela afirmava que, com duas a menos, não poderia realizar o que tinha em mente.

Não era apenas com filmes milionários que Howard gastava sua fortuna. Por tanto amar e conhecer as máquinas voadoras, ele passou a investir na tecnologia das mesmas. Pensando sempre no futuro, descobrir novos avanços na área, conseguiu boas proezas, como aviões transportadores de grande porte e outros recordistas de velocidade. Em tudo o que sua empresa envolvia, havia o seu ousado “dedo” por trás. Dinheiro não era problema, era solução. Pensando assim, gastava milhões em poucos segundos, sem pensar nas consequências que um erro poderia trazer à sua empresa. Ele chega a comprar 18 milhões de dólares em aviões em poucos segundos, antes mesmo de você poder pensar na quantidade de dinheiro que este valor representa.

Essa situação atravessa pessoas importantes como Katharine Hepburn, uma das maiores estrelas do cinema, com quem Howard fora casado por alguns anos. Todo o jeito de ser, independente, charmosa e, em vários momentos, arrogante.

Outra pessoa é John C. Reilly é o braço direito de Howard, sempre fiel e tentando deixá-lo com os pés no chão com relação às finanças da empresa.

Em *O Aviador*, Hughes com a voz alterada transmite uma certa ambiguidade. Um paradoxo gerado pela inteligência abusiva do rapaz, capaz de pensar e realizar verdadeiras proezas, até sua fragilidade quanto à pequenas coisas do dia-a-dia e o TOC, doença que acaba por aprisioná-lo. O Transtorno Obsessivo Compulsivo foi o provável resultado de um trauma de infância após a morte da mãe, segundo insinua algumas cenas do filme.

Ao mesmo tempo em que vemos Howard em hangeres completamente tomados pelas diversas sujeiras comuns ao local, ele não consegue sair de um banheiro de classe alta com medo de se infeccionar com a maçaneta, por mais luxuoso que seja o ambiente. Isso não soa, em nenhum momento, ridículo. Pelo contrário, sabemos exatamente porque o personagem está reagindo devido à excelente construção que, a cada segundo, que o diretor do filme faz em seu personagem.

O filme é formado de situações e construções psicológicas. Howard traz as duas faces do gênio atormentado, encarcerado em um mundo paralelo e criado por sua imaginação, que sofria de Transtorno Obsessivo Compulsivo, porém com idéias à frente de sua época.

Hughes tem como ponto alto as cenas de acesso de loucura; trancado em seu cinema, ele bebe compulsivamente leite (a única bebida que aceita naquele momento, enfileirando as garrafas de um modo grotesco), assiste aos seus filmes repetidamente, entrega-se á sujeira que tanto nega, evita falar com todos com o pretexto de não se contaminar e entregar-se á evolução da doença.

6. ANÁLISE

Através da análise das cenas do filme, pode-se pensar que Howard foi uma pessoa que durante sua infância viveu ambientes emocionais muito severos, sendo escravo de imposições descabidas, tendo que obedecer impensadamente e ainda reprimindo emoções, assim torna-se mais tarde uma pessoa a quem lhe escapa o controle dos sentimentos. É notável que ele ame o que faz, é um apaixonado pela vida, mas devido ao seu transtorno que gradualmente torna-se mais severo, esta vida lhe é retirada aos poucos, compulsoriamente e cada vez mais, ele não pode controlar.

O mundo dos pacientes compulsivos, assim como o era o mundo de Howard é um lugar que causa repulsão, pois este tem medo de perder sua própria forma, então seus atos são sempre com a intenção de tranquiliza-lo. (GEBSATTEL V., 1967).

Já no início do filme percebe-se que a mãe traz consigo uma latinha, uma espécie de saboneteira de lata, esta que acompanhará Howard a vida toda, ele carrega isso como símbolo de proteção, símbolo este que a mãe transmitiu a ele.

Denota-se no transcorrer do filme que uma das grandes responsáveis pela implantação das pressões emocionais e imposições descabidas foi à própria mãe, registra-se no filme uma das cenas mais prováveis de terem se repetido em sua infância, que é a mãe dizendo que ele está em perigo constante e sempre estará desprotegido e Hughes cresce com isso na cabeça, com a idéia de ambiente hostil, sente-se assombrado, diante de suas próprias ansiedades, das inibições, dos temores, das idéias impostas ao seu pensamento, o sofrimento psíquico foi tão transtornante que o conduziu o a severas incapacitações.

Um grande destaque do filme é enquanto a mãe dá banho em Howard, ela vai questionando ele sobre as possíveis consequências que as doenças que são ocasionadas geralmente por micro organismo, por sujeiras, no caso da cólera e do tifo, estas que são doenças em principio ocasionadas por mau saneamento, ou seja, doenças que são provocadas por uma má higienização!

Naquele período e local ocorriam muitas doenças e a mãe de Howard enquanto o banhava, o questionava sobre ele saber o que era tais doenças e as consequências dessas doenças, e ao final da cena marcante, ela não pergunta, mas muito mais que

isso, ela afirma com plena convicção que ele não está seguro, mesmo ele sabendo o que são essas doenças, e as consequências dessas doenças e consequentemente sabendo disso ele também saberia como evitá-las, mas ainda assim, a mãe diz, impõe e implanta a idéia de que ele não está seguro, ou seja, é como se tudo que ele fizesse para se proteger ou para evitar as doenças, não fossem o suficiente, sendo assim, é como se não houvesse barreiras para isso.

Parece que nesse primeiro instante, se implantou essa semente do TOC, esse medo, essa insegurança, esta prisão que o acompanhará até o final de sua vida.

Percebe-se que durante o filme Howard passa a vida nessa jaula, ele controla tudo para que não haja surpresas, nem o descontrole ou que algo possa vir a ter a mínima probabilidade de acontecer e contaminá-lo, muito mais do que no sentido da sujeira/contaminação, mas principalmente no sentido de perda de controle, no sentido que ele não consiga manipular o que está ao seu redor e quando isso acontece, é como se as barreiras caíssem, é como se ele estivesse à mercê de tudo e de todos que possam vir a prejudicá-lo de alguma forma.

A compulsão de Howard por higiene e evitação de qualquer chance de manipulação o move a efetuar controles dos mais diversos, como a da garrafa de leite, se não houver um procedimento exato de fazê-lo, então é necessário repetir este procedimento até que se faça exatamente como o planejado.

Outra cena de destaque é quando Howard está conversando com o seu acessor de marketing que ele precisa de mais duas câmeras e enquanto isso ele solicita ao garçom que lhe traga uma garrafa de leite, mas não qualquer uma, tem de ser uma garrafa com a tampa, deve-se retirar a tampa na sua frente e não se tocar na borda da garrafa com os dedos, e se ele percebe que o copo está marcado com alguma digital ou mesmo sujo ou manchado de alguma forma, ele bebe direto do gargalo da garrafa, esta cena se repete por varias vezes no decorrer do filme.

É interessante poder perceber a paixão de Howard pela aviação, a forma em que ele toca no manche, como ele segura e transmite sensação de poder e o clima de controle que ele tem sobre isso, parece que traz grande conforto para ele, traz grande satisfação, é como se nada mais pudesse acontecer, ele está totalmente no controle,

isso ameniza o medo, e não há nada melhor do que isso para ele, já que o medo e a angústia o perseguem a todo o momento.

Mais uma vez Howard quebra mais um recorde, ele se arrisca por isso, ele vai e se entrega, e se torna o homem mais rápido do mundo em um avião na época, parece que a vida dele é ultrapassar, vencer e querer vencer mais e mais impulsionado e impelido por um compromisso ainda velado até o momento no filme.

Mas muito mais do quebrar recordes, que pode ser um dos objetivos de Howard, mas o principal objetivo é a sensação de satisfação, o trazer controle e amenizar os níveis de ansiedade, amenizar os níveis de preocupação, de medo e de angústia que estão presentes a todo momento.

Uma cena impactante é a qual logo após ele lavar as mãos ao ponto de sangrar, ele termina o seu ritual e acaba com todas as toalhas limpas do banheiro e quando ele vai de encontro com a porta de saída, Howard vê que aquela maçaneta, é um objeto onde todos colocam as mãos, e como muitos homens não lavam as mãos, então ele imagina que aquele local está completamente infestado, contaminado, está sujo.

Sendo assim, ele que acabou de fazer o ritual dele, já acabaram-se os panos de secar, não há como ele fazer de novo, nem pegar o pano para abrir a maçaneta, então ele se vê preso, ele até tenta abrir a maçaneta, vai com a mão em direção, mas o TOC é mais forte, o TOC toma posse do corpo dele, da racionalidade dele e o impede de fazer qualquer coisa, então ele se vê obrigado a aguardar ao lado da porta, até que alguém abra para ele e ali ele se põem, mais uma vez ele está a mercê de sua doença.

Howard está preso nesta jaula chamada TOC e nos momentos em que ele pode minimizar os níveis desse medo, ansiedade, angústia e demais sentimentos e comportamentos do TOC, ou seja, nos momentos que ele cria uma nova aeronave, no momento em que está voando, em que ele faz os filmes, os momentos em que ele se destaca, é sim um momento de glória, mas, além disso, é o momento de se sentir um pouco mais livre, um pouco mais fora dessa jaula que é o TOC e viver verdadeiramente esse tema existencial chamado liberdade.

Mas denota-se em muitas cenas que é a falta deste tema existencial chamado liberdade que mais se apresenta e é vivido por Howard, porque já que ele se prende nesse casulo, nessa jaula, então ele começa a se abster das liberdades que ele poderia viver. A liberdade para pensar, agir e sentir é suprimida pela sensação de medo e insegurança. Um refém de si mesmo e suas compulsões, não havendo liberdade para surpresas e improvisos, por isso o tema existencial liberdade se faz tão presente, mas em essência a falta de liberdade.

Para Howard, quanto maior o controle, menor será o medo, menor será a insegurança, e sua compulsão não lhe permite fazer o contrario disso, pois ele está aprisionado, envolvido e a mercê destes pensamentos e sentimentos que o impelem a realizar determinadas atividades cuidadosamente, meticulosamente e exatamente como foi planejado/imaginado.

Exemplo disso é a cena onde Howard, solicita a um dos magnatas da produção de cinema da época, alugar duas câmeras de filmagem, para filmar uma das cenas que ele imaginou em seu filme e em sua concepção, somente com vinte e seis câmeras isso seria possível, então os magnatas do cinema riem na frente dele dizendo que as vinte e quatro câmeras que ele possui já são mais que o suficiente, mas Howard sempre quer mais e o melhor, tudo deve ser grandioso e da forma como ele imaginou, pois se assim não for a chance do que ele imaginou ocorrer não haverá possibilidade de acontecer, e isto ele aplica em seus filmes, projetos de aviões, administração de seus negócios, e até mesmo nas relações pessoais.

O tema existencial culpa que se apresenta quando o homem questiona a realização de suas possibilidades existenciais e tudo que ele tem potencial para realizar, e assim se faz com Howard, todas as possibilidades que ele imaginou devem ser cumpridas da mesma maneira e metodicamente da forma como ele planejou, é compulsivo, é mais forte que ele, pois se assim não for, seu mundo se torna fora de controle e por demais perigoso para ele suportar.

A imagem de ousado e de pioneiro é fortemente destacada durante todo o filme, mais uma vez ele em busca do sentido da vida dele, ele busca realizar grande coisas, grandes feitos, parece não ter fim, não há limites para ele, parece que o TOC o conduz por estes feitos marcados na historia.

Um exemplo disso é que mesmo após o sucesso dos filmes, ele queria fazer mais mudanças, pois não se contentava com o sucesso adquirido, movido pela sua obsessão / compulsão da não perfeição e do velado compromisso que ele traz consigo. Diante de tal comportamento o sentido da vida se faz presente, onde tal consciência o leva à busca de realizações significativas visando dar sentido e cor à sua existência, e como Howard mesmo disse durante o passar do filme, tudo o que ele faz tem um grande e profundo sentido para ele.

Howard que está sempre em meio a imprensa, com toda a glória e festa que a mídia proporciona aos astros, mas percebe-se claramente que Howard apenas está com o corpo ali, pois denotasse em sua expressão que ele deseja sair dali o quanto antes, afinal são muitas pessoas ao seu redor, fotógrafos a todo instante com seus flashes e cacos de lâmpada a estourar por todo lado, uma sujeira enorme se faz pelo caminho e as pessoas em volta tentando tocá-lo e chamando o seu nome.

Tudo isso parece sufocar Howard, sua expressão é de medo, e também de repulsa, sua mente parece estar fugindo, demonstrando entre linhas o seu não desejar estar naquele lugar, afinal que controle ele tem diante de tantos acontecimentos paralelos e ocorridos rápida e simultaneamente, qualquer coisa a qualquer momento pode ocorrer e ele pode ser, a seu ver, contaminado, e essa idéia o sufoca o angustia o deixa temeroso, conduzindo-o a este distanciamento e desejo de fuga deste momento e local.

Howard demonstra desejar sempre o melhor em tudo, e com as mulheres também não é diferente, durante o decorrer do filme ele se envolve com as mais belas e famosas mulheres da época, mas em especial a atriz Hepburn permanecerá durante o filme, como aquela que aparentemente ele realmente amou, pois ela também tinha lá a suas "manias de limpeza", como ela mesma disse, pois admitiu para ele que chegava a tomar sete banhos por dia para se manter higienizada.

Para completar a situação, através do tom em que fala e sua postura, ela aparenta ser bem controladora, ou seja, parece ser capaz de controlar situações adversas que possam vir a ocorrer, e como Howard vive em mundo de insegurança, tomado pelo medo e angustia, seria muito bom contar com esta proteção e

acolhimento que ela poderia oferecer, sem contar a tendência dela por higiene que atrai ainda mais a Howard.

Howard e sua companheira, Hepburn, estão sobrevoando Hollywood, mas há um momento em que Howard está pilotando e a companheira lhe questiona sobre o celofane que está no manche do avião e o Howard explica - Você não tem idéia de quanta sujeira as pessoas carregam nas mãos -, então ela pergunta que tipo de sujeira e ele não sabe explicar, ele apenas responde que é melhor ela não saber.

Na verdade, nem ele mesmo sabe explicar isso, pois não sabe que possui o TOC, que tipo de bactéria, que tipo de sujeira existe, mas o medo é tão grande da contaminação, é tudo tão forte e tão potencial, que por mais que ele não saiba verdadeiramente, se há uma sujeira ali, ou se há algum tipo de potencial de contaminação ele ainda assim o faz.

É interessante também a forma como ele se atrai por ela. Ele consegue trazer a pessoa para dentro do seu mundo de medos e ansiedade e incertezas, quando ele realmente confia nela, e isso ela criou e permitiu quando declarou gostar de pilotar o avião, desse negócio de voar, isto que também é uma das paixões de Howard, e é notável que isso crie uma identificação entre eles, tanto é que Howard oferece sua preciosa garrafa de leite para ela e ela coloca nos lábios e bebe e ele olha bem para a garrafa, ele sabe que está “contaminado”, afinal outra boca que não a dele tocou naquele gargalo, mas pelo vínculo que ele criou com ela, Howard se permite “contaminar” com ela, então ele bebe na mesma garrafa em que ela tocou os lábios.

Porém é esta mesma companheira, Hepburn, que durante uma festa de comemoração pelo vôo recorde dele, aparentemente está usando a fama de Howard para poder retornar ao seu estrelismo, coisa que ela sente muita falta e demonstra e diz isso ao longo do filme, aparência essa sustentada pelo fato de que quando as pessoas recepcionam bem a ele, o aplaudem e o tratam como estrela, ela fica de lado e ela demonstra sentir muita falta disso.

Nessa festa Hepburn usa a oportunidade para poder se aproximar de um dos presidentes de uma grande empresa cinematográfica, nesse momento a cena foca na mão de Howard coçando e apertando a calça, o que aparentemente sugere o sentido de quê, ao ver a companheira dele ir e cumprimentar o outro homem e ela se debruça

sobre o outro e não apenas isso, mas dá risadas e conversa intimamente como outro sujeito, isso tudo justamente com o homem que negou as câmeras para Howard no início do filme. Claramente isso traz um grande desconforto para Howard, porque quando ficam a sós Howard e a companheira, ele apresenta a sensação de grande conforto, o medo se ameniza e ele se sente em segurança, como se fosse a proteção de uma mãe protegendo-o.

Quando ele vê a pessoa que mais tem confiança, acredita e espera ter conforto e segurança, se distanciando dele e aproximando-se de um de seus, “inimigos”, é como se ele percebesse que o porto seguro dele, que a proteção dele o tivesse abandonado, e isso automaticamente gera uma angústia, gera um desconforto muito grande, que já desencadeia reações físicas, no caso a coceira e o apertar da mão sobre a calça no caso.

Seu semblante fecha-se completamente, isso é bem perceptível no decorrer do filme, a perda da segurança que ele transmite, pois ela ganhou um papel muito grande, como protetora dele e de repente ela sair de perto dele, seja fisicamente ou em outro sentido que seja, é bem desesperador realmente para Howard.

Howard não tem porque lavar as mãos, ele não mexeu em nada, não foi tocado por nada que lhe trouxesse risco, ele está “limpo”, mas foi como dito no começo do filme, ele sempre traz consigo a saboneteira de lata da infância, que é uma espécie de símbolo que lhe trás uma sensação de segurança, e como ele acabou de passar por um momento atormentador, de perda da protetora dele, daquela que lhe dá suporte, então essa caixinha tem um valor simbólico enorme para ele, ele não precisava ir lavar as mãos, mas ele se encontra em um desconforto profundo, um medo e angústia tão grandes, que ele vai ao toalete e começar seu ritual de lavar as mãos.

Percebe-se a profundidade em que já está o TOC e como na maioria das vezes, o TOC possui um ritual e tem um processo, no qual não se deve ser quebrado, ou seja, a forma em que se inicia e que se está fazendo e se termina tal ritual, traz segurança e amenizam os sentimentos de angústia e as demais sensações negativas.

Com a sua saboneteira, que é o símbolo de segurança dele e começa o seu ritual de lavar as mãos, é como se ele estivesse fazendo um descarrego, uma limpeza profunda, é como se ele estivesse eliminando tudo aquilo que o está importunando,

tudo aquilo que está machucando ele, mas é com tamanha força que ele quer arrancar isso dele, de uma maneira rápida e tão intensa que ele chega a sangrar as mãos, tamanha é a necessidade dele querer se livrar disso tudo, desse sofrimento. É uma angústia, uma ansiedade grande e atormentadora. Por isso desta violência, dessa força toda para se lavar as mãos. Quando você está no momento de dificuldade, você quer se livrar logo disso, da maneira mais rápida possível e ele transporta isso para esse ritual.

As compulsões de Howard se demonstram mais intensas ao final do filme, um momento que destaca isso, é quando Howard vê as unhas sujas de um de seus empregados e começa a ter a firme convicção que este funcionário está ali para espioná-lo, neste momento Howard muda completamente, seu rosto fica vermelho, ele transforma-se, as respirações ficam mais profundas, realmente ele fica nervoso, fica muito ansioso, e está passando vergonha, porque o assistente dele o vê começar a repetir essa frase de modo incessante: - Eu quero ver os projetos! Eu quero ver os projetos! Quero tudo direitinho!-, como se fosse um ritual mesmo, uma compulsão de perfeição, de repetição, assim como lavar as mãos, um ritual repetitivo e contínuo, também se fez assim com as palavras, ele não parava, não conseguia parar de falar que queria os projetos, tanto que ele sai praticamente que correndo da frente do assistente dele, que fica sem entender nada.

Este momento de sofrimento ocorre mais intensamente na parte final do filme, toda a dor se manifesta num gesto de tapar a boca, é desesperador a cena em que Howard tapa a boca dentro do carro devido à alucinação de que o estão espionando, nesse momento ele mais uma vez efetua um ritual que é o de soletrar a palavra quarentena, o mesmo comportamento instalado pela mãe dele, os rituais realmente trazem um conforto, alívio e sensação de controle proteção.

Howard ao soletrar a palavra quarentena, ele se acalma, sua respiração, e aparentemente o seu batimento cardíaco diminuem, o desespero realmente estava instalado nele, durante o processo de obsessão, de repetição das frases, mas esse ritual de soletrar trouxe alívio e conforto para ele, o soletrar das palavras, lembra-o a mãe, que é o símbolo de conforto, que é o símbolo de segurança, que o símbolo de cuidado que ele tanto necessita pra poder voltar a ter controle sobre sua racionalidade e sobre suas coisas ao redor.

Destaca-se durante o filme algo que lhe traz grande alívio e que também responde o porquê dessa fixação pelo vôo ou pelo menos é um dos indicadores, que é quando ele pega no volante do carro ou no manche do avião, a câmera sempre destaca a firmeza que ele pega nesse volante ou nesse manche, denotando aí o poder que ele toma sobre si mesmo e sobre a situação e tudo que está a volta dele, com essa ação firme de se pegar no volante, no manche, traduzindo a situação de controle e de segurança, aliviando qualquer tipo de sofrimento que ele possa estar passando. Sua ansiedade, angústia e demais sentimentos negativos, amenizam-se em todas as cenas em que Howard tem essa oportunidade de estar dentro do avião, até mesmo no carro, isso traz grande sensação de alívio para ele, a simbologia de se guiar as coisas que o objeto traz, reintero, aliás, os objetos são bem destacados nas cenas, os símbolos, como a saboneteira, o manche, o volante, também são outros objetos simbólicos para Howard.

O sentido da angustia que é mais do que algo transitório e esporádico, é a totalidade da existência humana, segundo a fenomenologia, se faz claramente presente em varias cenas do filme, esta sensação que se caracteriza pelo sufocamento, pelo peito apertado, pela ansiedade, pela insegurança, como se estivesse aliado com um tipo de dor, se torna tão extremo para Howard que sempre que possível ele deixa o local correndo e a angústia, dor e a sensação da falta de liberdade tomam conta de si e ele busca realizar seus rituais.

Um dos momentos mais fortes do filme, ocorre quando Howard se prende numa sala de cinema que ele tem, e começa a ver filmes do deserto, que para ele tem uma simbologia grande, ele gosta do deserto, devido a idéia de solidão, ou seja, de controle total, é ele e aquela área e não há mais nada e também a idéia de limpeza, que ele tem devido ao calor que se tem no deserto, e o calor mata bactérias, mata microorganismo e aparentemente ele gosta dessa idéia de deserto.

Nesta sala ele tem sintomas de compulsividade alarmantes, como por exemplo, o alinhamento das garrafas de leite, é constante, e a forma em que se deve abrir a garrafa de forma a não contaminar o leite, onde ele repete várias vezes para si mesmo, que os mordomos devem-se segurar a garrafa com a mão direita, retirar a tampa com a mão esquerda e guardar no bolso.

Mais tarde, num processo onde ele permanece talvez por meses, não dá para se compreender exatamente o período, mas as unhas crescem demais, o cabelo também, ele fica sem fazer a barba, permanece nú, o ficar nú talvez traduza uma idéia de retirar tudo aquilo que possa trazer uma contaminação, um acúmulo de contaminação, como as roupas, como ele não sabe mais como está o mundo lá fora, então ele não compra mais roupas, não sabe de onde vêm, então prefere ficar nu, porque sem as roupas não há um acúmulo de suor e de qualquer outro tipo de “espelimento” do corpo dele mesmo.

A alimentação também possui suas regras, o controle é total, ele dita no microfone, para os empregados que no momento que eles forem entregar o pacote de bolacha ou outro alimento, o pacote deve-se estar num ângulo de 45 graus no qual o Howard possa colocar a mão, sem que ele toque nas bordas do pacote para que não se contamine, esse processo traduz o controle extremo do qual ele chegou, num desconforto tremendo, uma angústia e ansiedade tremenda, ele está tão sensível a tudo isso, que quanto maior controle ele tiver de tudo que estiver ao redor dele, maior a sensação de alívio, maior a sensação de amenização da ansiedade, maior sensação de amenização de uma possível contaminação.

Dentro dessa situação, tudo se torna extremo, tudo que ele vai fazer ao redor tem que ser cuidadosamente controlado e processado na ordem em que ele pensa, para não haver uma contaminação, então ele repete para si mesmo várias vezes, que se qualquer das instruções do processo não for realizada ou for alterada no mínimo grau, todo o processo deve ser repetido desde o início, até que todas as instruções sejam realizadas da forma em que ele imaginou e disse.

Sendo assim, o controle total sobre tudo ao redor, e a compulsão de se falar repetidamente, é um sintoma que se apresenta muito nesse período em que ele fica ocluso, em que ele fica distanciado de tudo e de todos, não há mais contato nenhum, ele se abstém de tudo, como se ele estivesse tentando fazer uma descontaminação.

Nota-se também que ele mantém tudo alinhado por que a questão de alinhamento, a visão do alinhamento traz a sensação de controle e de segurança, e essas sensações são muito importantes para ele, pra tentar amenizar essa dor, essa ansiedade, tanto é que ele alinha várias e várias garrafas de leite e urina dentro delas e

a visão do alinhamento traz esse conforto para ele, demonstra-se também aquele ritual, assim como o do alinhamento, mais o ritual que é o de se soletrar a palavra quarentena, ele tenta trazer esse controle, buscar de novo o racional, através desse processo, desse ritual.

Próximo ao final do filme percebe-se, logo após um feito marcante na história da aviação da época, onde Howard tinha conseguido realizar a sua promessa social de que faria o Hércules, o maior avião já construído, ele obteve o sucesso desejado, suas finanças, suas empresas, tanto de aviação quanto da cinematográfica, voltariam ao hesito, ainda assim, mesmo diante dessa grande realização, deste legado que ele acaba de deixar na aviação, e dessa grande satisfação, que ele obteve ao realizar este voo, já que voar para ele é uma sensação de liberdade, de controle e de saciedade.

Apesar de todo esse conforto e satisfação, Howard que já se encontra numa fase mais agressiva da doença, inesperadamente, é envolvido pela idéia obsessiva de perseguição de que ha algo atrás dele, de que ele vai ser pego de surpresa ou algo vai sair do controle, ressurgue instantaneamente a compulsão no momento.

Neste momento ele vai para o toalete e entra num estado de feedback, observando o espelho na frente dele, ele relembra da noite em que a mãe estava dando banho nele, referente a primeira cena do filme, que é quando a mãe implanta nele a idéia de que ele não está seguro, por mais que ele controle as coisas e saiba como manipulá-las, as possíveis doenças da época, ele não estará seguro.

É nesse instante que Howard, enfim, declara o porquê dele sempre buscar ser o melhor em tudo que ele fez, declara-se enfim que foi uma promessa que ele havia feito a sua mãe dizendo que construiria os melhores aviões do mundo, que faria os melhores filmes e que seria o homem mais rico do mundo e para isso ele não mediu esforços, pois colocou em risco as finanças da família várias vezes, pois em risco suas empresas diversas vezes, hipotecou, fez o que era possível e o não esperado dentro de uma linha administrativa, os assistentes sempre estavam atrás dele dizendo que era loucura o que estava fazendo, mas o desejo dele de realizar tais promessas para a mãe era tão grande e profunda, que ele não mediu esforços.

Essas promessas contribuíram para a formação do TOC, essa compulsão de querer realizar essas promessas na possibilidade de trazer satisfação ou a de honrar a

memória de sua mãe, já que ela era a pessoa que ele mais amava e que trazia mais conforto para ele, tais cumprimentos das promessas seriam um presente, como se fosse uma realização ou uma troca de agradecimento pela proteção.

Em suma, o caso de Howard Hughes nos permite contemplar claramente a vivência e sentidos desse mundo de forma muito ampliada.

Ao analisar as cenas dos filmes como o aporte teórico já mencionado, percebe-se que Howard chegou ao extremo de sua doença, nos permitindo visualizar e até sensibilizar-se com seu sofrimento. Tendo em vista que nos anos 20, não havia tratamento para tal doença, o acelerar de seu quadro foi intenso, e sem o auxílio médico ele viveu preso a esta doença até sua morte.

Através da interpretação e profunda reflexão sobre o filme e as cenas destacadas denota-se que o sentido que fundamenta o TOC de Howard está baseado/calçado no âmbito do controle das coisas.

Os acontecimentos vividos por Howard, momentos estes ilustrados no decorrer do filme, apresentam os vários desafios que o mundo proporcionou a Howard, desafios como: as várias quebras de recordes de velocidade aérea, bem como sua engenhosidade e ousadia na engenharia de novos modelos de aeronaves, o fazer alçar vôo de um avião com dimensões e peso jamais imaginados à época, viagens em volta do mundo em apenas 4 dias, a criação dos melhores filmes já realizados, sendo considerado pela crítica o melhor do gênero na época, como narrado pelos críticos, com fotografias, explosões e demais cenas nunca vistas antes, inovou e ousou fazendo arte fora do estúdio, o que ninguém ousava fazer e enfim suas transações empresarias de imenso valor, vistos por muitos empresários e seus assistentes de negócio como irracionais.

Estes desafios acima mencionados juntamente com o perfeccionismo de Howard atestam o seu modo de ser e claramente até certo ponto, Howard consegue ir ao limite do controle de suas ações, sendo assim inevitavelmente conduzido-o as chances de falha inerente a qualquer um que ouse e arrisque tanto quanto Howard arriscou e assim também foi com ele, seja nas esferas dos negócios, do cinema, da engenharia aérea e no amor.

E são nestes momentos de limite extremo, em que as crises do TOC entram em ação, neste momento a obsessão e a compulsividade tomam conta dos pensamentos e ações de Howard, então entra em cena os rituais compulsivos, que por essência, nada mais são para Howard do que a sua busca / tentativa de descontaminar-se deste mundo ameaçador, que o desafia e o hostiliza constantemente ao ponto de fazê-lo isolar-se radicalmente.

Howard através de rituais como o soletrar da palavra quarentena, o carregar de uma saboneteira de metal, saboneteira esta que pertencia à mãe e a qual ele conduzia sempre consigo, na esperança de manter o controle e amenizar o nível de ansiedade e probabilidade de contaminação, bem como o habito de voar, este que foi tão destacado no filme diversas vezes, pois trazia-lhe uma sensação de controle e liberdade muito significativas, clara era a expressão de Howard demonstrada no filme, pois o volante de uma carro ou o manche de um avião, eram símbolos de controle para Howard, símbolos que ele utilizava em momentos de crise, agarrando-se firmemente a estes objetos e soletrando a palavra quarentena em certas vezes. Destacou-se também a sua simetria, no alinhar dos alimentos e nos objetos a sua volta.

Howard Hughes não consegue lidar com a vulnerabilidade que a nós, seres humanos, é próprio desde o nascimento até a nossa morte, ele é um ser poderoso que vai do inferno das compulsões a gloria dos sucessos alcançados em suas áreas de atividade constantemente e isso se torna mais e mais frequente com o passar dos anos.

E com este passar dos anos o seu controle, ou seja, os seus rituais, suas tentativas de domar o mundo real, ao seu bem querer, vão ficando cada vez mais incapazes de lhe proporcionar o seguro e a descontaminação que ele tanto necessita ao ponto destes rituais fracassarem e lhe conduzirem ao isolamento social.

Denota-se que Howard é um ser que deseja dominar o seu mundo para que este não tenha a mínima probabilidade de lhe contaminar com qualquer que seja e por tanto toda e qualquer relação êxito - fracasso é inaceitável para ele, pois para Howard apenas o êxito pode lhe confortar e distanciar as contaminações do mundo ao seu redor.

De forma geral, percebe-se que no decorrer do filme que tal doença, TOC, foi originalmente implantada na infância de Howard Hughes pela mãe, esta que vivendo em uma época de doenças como cólera e tifo e outras demais, afirmou à Howard que ele jamais estaria seguro e o questionava sobre como surgiam estas doenças e o que elas poderiam fazer com ele, e também o fazia repetir, não se sabe quantas vezes, estas informações e juntamente com isso soletrar a palavra quarentena, implantando e estimulando cada vez mais na mente de Howard por toda sua vida as potenciais consequências de se ter contaminar com tais doenças, conduzindo Howard a um processo de busca por limpeza e descontaminação constantes.

Outro fator que exponenciou o TOC e que foi retratado no filme, são as três promessas que Howard faz na infância à mãe, o filme não levanta nenhuma pista ou rastro do porque de tais promessas, mas são elas: a de ser o melhor aviador, de produzir os melhores filmes e de ser um homem muito rico, promessas estas que complementaram a formação e essência do TOC em Howard. Conforme apresentado no filme, Howard não sabia que era portador de tal doença, dizendo em certas partes do filme que pensava estar ficando louco e assim pensou até a sua morte.

Desvelou-se através da análise como a doença se instalou em Howard, bem como quais são os elementos que acionam a doença e observou-se também a origem dos rituais e seus significados para Howard.

Sendo assim, identificou-se após a análise das cenas do filme e interpretação fenomenológica que a doença de Howard se instalou durante a infância e aprofundou-se durante o passar de sua vida culminando em seu afastamento e isolamento social até a sua morte, tal implante se deu através de sugestões e afirmações da própria mãe de Howard, aparentemente esta assim o fez, pois a família de Hughes vivia num período de doenças ocasionadas geralmente por micro organismo, por sujeiras, no caso da cólera e do tifo, estas que são doenças em principio ocasionadas por mau saneamento, ou seja, doenças que são provocadas por uma má higienização.

Pelo que as cenas sugestionam, Howard passou a infância sendo bombardeado pela mãe com questionamentos sobre os prejuízos de se contaminar com as doenças acima citadas e também com as afirmações de que por mais que ele soubesse como a contaminação ocorre, as consequências de tal contaminação e como

se prevenir, ainda assim ele jamais estaria seguro, aparentemente este processo foi contínuo e dolorosamente feito sobre a mente e personalidade de Howard, fazendo-o crer firmemente e verdadeiramente ele não estaria seguro de tais contaminações, criando nele esta visão de um mundo cheio de formas inseguras, repugnantes e repleto de potenciais perigos.

Para completar este quadro de elementos que criaram o TOC em Howard, percebeu-se durante o decorrer do filme que Hughes passa a vida perseguindo três objetivos, por várias vezes de forma genial e por muitas outras de forma irracional, como que compulsivamente, os objetivos são as de ser o melhor aviador, o de produzir os melhores filmes e, por fim, o de ser um homem muito rico, promessas estas apresentadas aos telespectadores ao final do filme, ou seja, não encontramos durante a história algo que movesse ou o porquê de Howard se comprometer com a sua mãe com tais promessas.

Acreditamos que em memória à sua mãe, figura de maior relevância e influencia em sua vida, Howard persegue estes objetivos e os torna com o tempo, elementos que compõem os rituais para controle do TOC, pois cada vez que ele alcança estes objetivos, demonstra-se no filme a grande satisfação e sensação de controle sobre o mundo e tudo que de perigoso que este representa, ou seja, alcançar estes objetivos é sinônimo de poder, de controle, de proteção e segurança.

No que se refere aos rituais, o filme retrata tais sugestões da mãe de Howard sendo lançadas sobre ele durante o banho que ela dava em Hughes, neste mesmo momento percebeu-se o nascimento de um dos rituais de defesa e amenização da ansiedade e seus demais sintomas do TOC, este ritual seria o de soletrar a palavra quarentena enquanto a mãe o lavava, ritual este que Hughes levou por toda a vida ao carregar consigo a mesma saboneteira de metal que sua mãe lhe dava banho, aliás, surge aí também o significado dos rituais que Hughes utiliza, acreditamos que assim como os rituais são processos de controle e segurança para a amenização dos potenciais perigos que rondam o mundo do portador do TOC, a figura materna, bem como a saboneteira e o soletrar da palavra quarentena, tornaram-se símbolos de segurança e proteção, estes foram fortalecidos e cada vez mais utilizados e tornando-se cada vez mais metódicos de maneira a evitar toda e qualquer possibilidade de erro

e consequente contaminação e com o passar dos anos a medida que a doença progredia tais rituais se tornavam mais enraizados.

Outros elementos que compõe os rituais são o manche de avião, os volantes de carros, o enfileirar de objetos, a angulação em que se serviam certos alimentos e o servir do leite apenas na própria garrafa, ou seja, todos estes objetos e comportamentos compulsivos para Howard possuem o sentido de lhe trazer segurança e controle tanto sobre as circunstâncias do dia a dia como sobre os momentos de crise em que ele passa, o importante é o símbolo e a sensação de segurança, é o poder e total controle que estes objetos e comportamentos compulsivos promovem à Howard.

Percebeu-se durante a análise das cenas que os elementos que engatilham as crises de TOC estão relacionados às sugestões de insegurança da mãe de Howard, ou seja, todo o momento em que, sob a visão de Howard, havia possibilidade de uma contaminação, como por exemplo, maçanetas de portas, principalmente as de banheiros, o apertar de mão ao se cumprimentar alguém, locais com muitas pessoas, copos com marcas de digitais, enfim, tudo que trouxesse a idéia de sujeira e contaminação era evitado ou era amenizado pelos rituais.

Quanto aos elementos que evocam o TOC, encaixa-se também a figura materna de proteção, pois Hughes demonstra no decorrer do filme que suas companheiras recebem o peso e o cargo da figura materna que ele tão cedo perdeu, figura esta que sustentava e representava grande segurança contra a contaminação. Sendo assim o filme apresenta várias cenas onde quando ocorre uma possibilidade de Hughes se sentir ameaçado de “perder” esta figura de proteção, como por exemplo, quando suas companheiras eram elogiadas ou abriam sorrisos para outras pessoas, ou quando se demonstravam insatisfeitas ou com a possibilidade de abandoná-lo, estes fatos também se tornam elementos de gatilho de crise do TOC.

De maneira geral, os terapeutas fenomenológico-existenciais, apresentam uma postura que busca um encontro verdadeiro com o cliente, calcados nos elementos do inter-humano de Buber (2003), ou seja, de respeitar e valorizar a criatividade existencial emergente de cada cliente. Desta forma, a terapia não busca oferecer orientações, muito menos trazer interpretações prontas aos clientes, como por vezes ocorre em psicoterapias de outras abordagens. Ao invés disso, busca-se permitir que

cada um, com suas capacidades para o crescimento e suas próprias potencialidades, como já defendiam os humanistas Maslow e Rogers, busquem através de suas próprias observações e reflexões encontrar o seu próprio caminho. Pois a busca da psicologia fenomenológica é revelar o ser humano para si próprio, trazendo para este observar-se aos demais, ou seja, refletir sobre si próprio e sobre suas observações (HOLANDA, 1998).

De acordo com Lessa e Sá (2006), os psicoterapeutas de orientação científico-naturalista procuravam, muitas vezes, ao invés de voltar-se para uma descrição fenomenológica da existência singular, voltavam-se para o encaixar das pessoas na teoria. Ao enquadrar os pacientes nos modelos teóricos eram pródigas em explicações do sofrimento, mas quase sempre sem frutos no sentido de propiciar relações terapêuticas que realmente promovessem transformações existenciais efetivas. A Psicoterapia Existencial baseia-se no cuidado, o psicoterapeuta remete o indivíduo a si, conduzindo-o a reconhecer sua impessoalidade e a encontrar as próprias respostas para as questões que a vida lhe apresenta.

A busca do terapeuta fenomenológico-existencial, além de tentar compreender melhor a pessoa do cliente, é também a de levá-lo a uma auto-compreensão que o permita trazer novo significado ao seu futuro, podendo assim aceitar a responsabilidade que acompanha a liberdade de conduzir sua própria vida. O foco é auxiliar a pessoa a encontrar um sentido para a sua vida (COREY, 1986).

De acordo com Lessa e Sá (2006), na relação terapêutica, busca-se desenvolver uma postura dialógica e uma postura de aceitação para com o cliente, assim como apresentada na filosofia do filósofo, escritor e pedagogo Martin Buber (1878 – 1965), sobre inter-relação humana, defendendo a fala como importante meio de expressão e um autêntico encontro (EU-TU). Alinhado com as teorias de Heidegger, o EU-TU de Buber (2003) propicia o encontro existencial no qual se revelariam cliente e terapeuta. A óptica existencial tem como principal valor o encontro no aqui-agora, onde o outro surge com sua alteridade própria, afetando e sendo afetado, e não apenas enquanto uma representação.

De acordo com Corey (1986), quando se constrói essa relação autêntica com o cliente, aceitando-o e disponibilizando-se para ouvir e acolher suas atitudes e sentimentos, desta forma o terapeuta está proporcionando a ele um ambiente facilitador para explorar, vivenciar, entrar em contato e acolher seus próprios sentimentos e atitudes. Então o cliente ao perceber-se com mais clareza e aceitar-se mais, este terá maior facilidade de descobrir uma nova maneira de ser e elevar também sua capacidade de tomar suas próprias decisões.

Quando de forma autêntica, o terapeuta possui e sabe demonstrar empatia pelo cliente, ou seja, apresentando-se alinhado com os valores humanistas, demonstrando-se um profissional que efetivamente se entrega na relação, aceitando o outro como ele é. Neste sentido o terapeuta é muito mais pessoa (como assinala Rogers) do que propriamente um papel a ser desempenhado (HOLANDA, 1998).

Segundo Rogers (1978), a compreensão e a aceitação que o terapeuta tem com o cliente e seus sentimentos seria a empatia, isto é, a arte de se colocar no lugar do outro. Desta forma o terapeuta comunica ao cliente sua compreensão sobre os sentimentos e os significados pessoais que estão sendo vivenciados pela cliente.

Diante desse olhar da fenomenologia, acreditamos que ela seja uma forma de poder tratar essas pessoas com o TOC e que a médio prazo, através das práticas de terapia fenomenológica, citadas acima, poderiam haver resultados positivos, ou seja, supondo que Hughes participasse da terapia fenomenológica se teria como foco principal o auxiliá-lo a encontrar um sentido para a sua vida, pois a busca da psicologia fenomenológica é revelar o ser humano para si próprio, trazendo para este observar-se aos demais, ou seja, refletir sobre si próprio e sobre suas observações.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo desvelar os sentidos do Transtorno Obsessivo Compulsivo através do filme *O aviador*, de Martin Scorsese (2004). Durante as sete vezes em que se assistiu ao filme, realizou-se a análise de informações proporcionadas pelas cenas com base no material bibliográfico. O referencial teórico para esse entendimento foi à abordagem fenomenológica – existencial, mais especificamente utilizei a Fenomenologia Hermenêutica desenvolvida por Martin Heidegger (1889-1976) na sua ontologia fundamental, *Ser e tempo* (1927).

Utilizando-se do material bibliográfico em comparação com a análise das cenas proporcionadas pelo filme bem como seus sentidos e significados, foi possível perceber e alcançar o objetivo do trabalho que era a de reconhecer o sentido para Howard Hughes da vivência do Transtorno Obsessivo Compulsivo pela ótica da fenomenologia, através do filme *O aviador* (2004).

Desta forma, ao final do trabalho observou-se que há uma estrita relação entre os elementos implantados que se transformaram no TOC com o passar dos anos, entre os elementos que provocam a crise do TOC e os rituais para amenização e alívio da crise.

Na atualidade é improvável que tal fato histórico chegasse ao nível em que Howard chegou, mas é de toda certeza que este caso de TOC é um dos mais graves conhecidos atualmente, portanto, se faz necessário um olhar especial sobre ele para que se busque desvelar os significados e os sentidos desta patologia.

Enfim, pontua-se que o assunto Transtorno Obsessivo Compulsivo é grandemente produtivo, e, portanto, aqui não se esgota, muito pelo contrário, a pretensão desta pesquisa é apontar a infinidade de possibilidades de novos estudos que possam subsidiar a busca de alternativas para a compreensão e possíveis tratamentos para este assunto tão relevante que é o TOC.

Ao final deste trabalho, é ciência dessa pesquisadora que muitos temas ou tópicos não foram estudados, quer pelo objetivo deste, quer pela visão de ser aqui exposta. Esperamos que outros se interessem pelo tema e vejam o seu Hughes.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- American Psychiatric Association (APA). **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM-IV**. 4a ed. Washington, DC: APA; 1994.
- ALBINA R. Torres; Roseli Shavitt; Eurípedes Miguel. **Medos, Dúvidas e Manias – orientações para portadores do transtorno obsessivo-compulsivo e seus familiares**. Ed. Artmed, 2001.
- ANGERAMI, V. A. **Existencialismo & Psicoterapia**. São Paulo, 1984.
- ANGERAMI-CAMON, V. A. (1993). **Psicoterapia existencial**. São Paulo: Pioneira.
- BICUDO, M. A. V. (2000). **Fenomenologia: confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez.
- BOSS, M. **Angústia, Culpa e Libertação**. São Paulo: Ed. Duas Cidades: 1977.
- BRUNS, M. A & TRINDADE, E. (2001). **Metodologia fenomenológica: a contribuição da ontologia-hermenêutica de Martin Heidegger**. Em: Bruns, M. A.; Holanda, A. F. (org.) *Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Ômega.
- BUBER, M. (2003). **Eu e tu**. (6ª Ed., N. A. Von Zuben, Trad.). São Paulo: Centauro.
- CORDIOLI, V.A. (2004) **Vencendo o transtorno obsessivo- compulsivo**. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed.
 _____ **O que é transtorno obsessivo compulsivo**. Disponível na internet em: <http://www.ufrgs.br/toc/>, consulta efetuada em 2005.
- COREY, G. (1986). **Técnicas de aconselhamento e psicoterapia**. Rio de Janeiro: Campus.

- CRITELLI, Dulce Mara. **Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- DARTIGUES, André, **O que é a Fenomenologia?** São Paulo: Moraes, 1992.
- DEL-PORTO, J. A. (2001). **Epidemiologia e aspectos transculturais do transtorno obsessivo – compulsivo**. *Rev. Brás. Psiquiatria*, v.23 (Supl. II), 3-5.
- DEL-PORTO, J.A. **Distúrbio obsessivo-compulsivo: fenomenologia clínica de 105 pacientes e estudo de aspectos trans-históricos e transculturais** [Tese]. São Paulo: Escola Paulista de Medicina; 1994.
- ELLISON, J.M. (Ed.) (1996). **Integrative treatment of anxiety disorders**. Washington, DC: American Psychiatric Press.
- FIGUEIREDO, L. C. (1991). **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2002). **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis: Vozes.
- GEBSATTEL, V. E. V. **El Mundo de Los Compulsivos**. In: *Existência Nueva Dimension em Psiquiatria y Psicologia*. Ed. Gredas, Madrid, 1967.
- GILES, T. R. (1975). **História do existencialismo e da fenomenologia**. Volume I. São Paulo: E.P.U.
- GRABE HJ, Meyer C, Hapke U, Rumpf HJ, Freyberger HJ, Dilling H, et al. **Prevalence, quality of life and psychosocial function in obsessive-compulsive disorder and subclinical obsessive-compulsive disorder in northern Germany**. *Eur Arch Psychiatry Clin Neurosci*. 2000; 250(5):262-8.

- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo** (1927). Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 2009.
- HENDERSON JG Jr, Pollard CA. **Three types of obsessive compulsive disorders in a community sample**. J Clin Psychol. 1988; 44(5): 747-52.
- HOLANDA, A. F. (1998). **Fenomenologia, Psicoterapia e Psicologia Humanista**. Estudos de Psicologia. Campinas: 14(2): 33-46.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro-RJ: Objetiva, 2009.
- JENIKE MA, Rauch SL, Baer L, Rasmussen SA. **Neurosurgical treatment of obsessive-compulsive disorder**. In: Jenike MA, Baer L, Minichiello WE, editors. **Obsessive-compulsive disorders: practical management**. 3rd ed. Mosby; 1998. p. 592-610.
- KARNO M & Golding JM. **Obsessive-Compulsive Disorder**. In: Robins LN; Regier DA. **Psychiatric Disorders in America. The Epidemiological Catchment Area Study**. New York, The Free Press, New York, 1991 c9, 204-19.
- LESSA, J. M. & SÁ, R. N. (2006). **A relação psicoterapêutica na abordagem fenomenológico-existencial**. *Análise Psicológica*, 3(24): 393-397.
- LIMA MA. **Responsabilidade e fragilidade: contribuição ao estudo da psicopatologia fenomenológica do transtorno obsessivo compulsivo** [dissertação de mestrado]. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; 1994. p. 157.
- LIMA, M. C. F. (2005). **Intersubjetividade e psicoterapia: compreendendo a relação terapêutica no acompanhamento psicológico**. Monografia do curso de Especialização, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

- LOPES, A. C., Mathis, M. E., Canteras, M. M., Salvajoli, J. V., Del Porto, J. A. & Miguel, E. C. (2004). **Atualização sobre o tratamento neurocirúrgico do transtorno obsessivo-compulsivo**. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26(1), 62-66.
- LYOTARD, J.F. **A fenomenologia**. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1967.
- MATSON, F. W. (1975). Teoria humanista: a terceira revolução em psicologia. In: T. C. Greening (Org.). **Psicologia existencial-humanista** (pp. 69-81). Rio de Janeiro: Zahar.
- MAYEROVITCH JI, Du Fort GG, Kakuma R, Bland RC, Newman SC, Pinard G. **Treatment seeking for obsessive-compulsive disorder: role of obsessive-compulsive disorder symptoms and comorbid psychiatric diagnoses**. *Compr Psychiatry*. 2003; 44(2): 162-8.
- MERLEAU-PONTY, M. (1999). **Fenomenologia da percepção**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes.
- MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- MOUSTAKAS, Clark. **Phenomenological Research Methods**. Thousand Oaks Sage Publications, 1994.
- MURRAY CJ, Lopes AD. The global burden of disease: **A comprehensive assessment of mortality and disability from disease, injuries and risk factors in 1990 and projected to 2020**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1996.
- NUNES, B. (2002). **Heidegger & ser e tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação dos transtornos mentais e de comportamento da classificação internacional de doenças**. 10. ed. (CID 10). Porto Alegre: Artes Médicas (Artmed), 1993.
- PENHA, J. **O que é Existencialismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. Psychopathol 1995; 28:322-9.
- RAFFAELLI, R. (2004). **Husserl e a psicologia**. *Estudos de Psicologia*, 9(2), 211-215.
- RAUCH SL, Jenike MA. **Management of treatment resistant obsessive compulsive disorder: concepts and strategies**. In: textbook from the proceedings of the 1st IOCDC; 1993 March12-13; Capri, Italy.
- ROEHE, M. V. (2006). **Uma abordagem fenomenológico-existencial para a questão do conhecimento em psicologia**. *Estudos de Psicologia*, 11(2), 153-158.
- ROGERS, C. R. (1977). **Uma maneira negligenciada de ser: a maneira empática**. In: C. R. Rogers & R. L. Rosenberg. **A Pessoa como centro** (pp.69-89). São Paulo, EPU.
- ROGERS, C. R. (1978). **Sobre o poder pessoal**. São Paulo: Martins Fontes.
- SAMUELS J, Nestadt G. **Epidemiology and genetics of obsessive-compulsive disorder**. *Int Rev Psychiatry*. 1997; 9(1):61-71.
- SAMUELS J, Nestadt G. **Epidemiology and genetics of obsessive-compulsive disorder**. *Int. Rev. Psychiatry*. 1997; 9(1):61-71.
- SARTRE, J.P. e Ferreira. V. **O Existencialismo é um Humanismo**. Lisboa: Editora Presença, 1970.
- SARTRE, J.P. **El Ser y La Nada**. Buenos Aires: Edit. Losada, 1981.

- SHAVITT, Roseli Gedanki; Rosario-Campos; Maria Conceição; VALLE, Rc ; MIGUEL, Ec . **Idade de início da doença como fator preditivo de resposta à clomipramina em pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo-resultados preliminares.** Informação Psiquiátrica, v. 16, n.1, p. 24-26, 1997.
- SIMONDS LM, Thorpe SJ. **Attitudes toward obsessive-compulsive disorders-an experimental investigation.** Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol.2003; 38(6):331-6.
- SIMPSON HB, Liebowitz MR, Foa EB et al. **Post – treatment effects of exposure therapy and clomipramine in obsessive-compulsive disorder.** Depress Anxiety 2004; 19: 225-33.
- TORRES AR, Del Porto JA. **Comorbidity of obsessive-compulsive disorder and personality disorders: a Brazilian controlled study.** Psychopathol 1995;28:322-9.
- TORRES, A. R. & LIMA, M. C. P. (2005). **Epidemiologia do transtorno obsessivo-compulsivo: Uma revisão.** *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 27(3), 237-242.
- TORRES, A. R. (2001) **Diagnóstico diferencial do transtorno obsessivo – compulsivo.** *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v.23 (Supl.II), p. 3-21.
- TORRES, A. R.; SMAIRA, S. I. (2001). **Quadro clínico do transtorno obsessivo – compulsivo.** *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v.23 (Supl. II), p. 6-9.
- XAUSA, I.A.M. **A Psicologia do Sentido da Vida.** Petrópolis, 1986.
- ZILLES, Urbano. **A fenomenologia husserliana como método radical.** In: HUSSERL, Edmund. **A Crise da humanidade europeia e a filosofia.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.